

KAÁ WÁSU

ORGANIZAÇÃO

JOÃO VICTOR DE OLIVEIRA MURER
LARISSA DE SOUZA BELLINI
LEO R. ARANTES LAZZERINI
NATAN RAFAEL NEVES DA SILVA
SUSANA OLIVEIRA DIAS
THAYANY MENDES AMAZONENSE

TEXTOS

CLAUDIA BARÉ
KELLEN NATALICE VILHARVA
MARIA ALICE PAULINO KARAPĀNA

DESENHOS

EMANUELY MIRANDA
GABRIEL D. GRUBER
GLAUCO ROBERTO SILVA
LARISSA DE SOUZA BELLINI
MURIEL SCARNICHIA
NATAN RAFAEL NEVES DA SILVA
RAYANE BARBOSA KAINGANG
SUSANA OLIVEIRA DIAS
THAYANY MENDES AMAZONENSE
VALÉRIA SCORNAIENCHI
ZAYMPEREIRA



KAA WÁSU

ORGANIZAÇÃO

João Victor de Oliveira Murer

Larissa de Souza Bellini

Leo R. Arantes Lazzerini

Natan Rafael Neves da Silva

Susana Oliveira Dias

Thayany Mendes Amazonense

TEXTOS

Claudia Baré

Kellen Natalice Vilharva

Maria Alice Paulino Karapãna

DESENHOS

Emanuely Miranda

Gabriel D. Gruber

Glauco Roberto Silva

Larissa de Souza Bellini

Muriel Scarnichia

Natan Rafael Neves da Silva

Rayane Barbosa Kaingang

Susana Oliveira Dias

Thayany Mendes Amazonense

Valéria Scornaienchi

ZayMPereira



SUMÁRIO

Apresentação 04

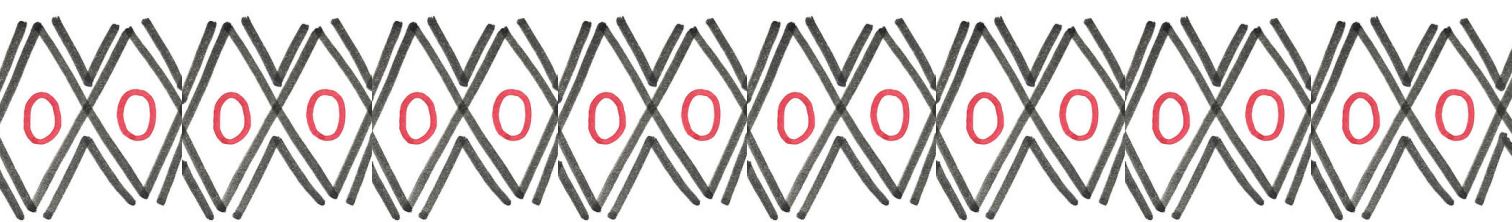
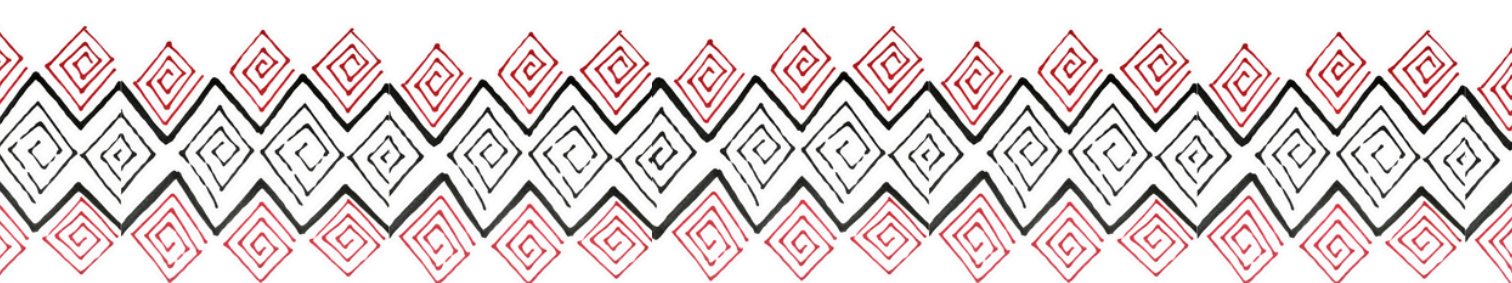
Ana Claudia Martins Tomas, Claudia Baré, Baré 06

Maria Alice Paulino, Karapãna 26

Kellen Natalice Vilharva, Guarani Kaiowá 53

Criações com a copaíba, o tucumã e o cedro-rosa 75

Glossário 99






APRESENTAÇÃO

Káa Wasú, floresta na língua nheengatu, é um livro que nasce do chamado a darmos atenção aos modos de existir das plantas entrelaçadas à vida dos povos indígenas. Cada uma das indígenas convidadas para compor este livro - Ana Claudia Martins (Baré), Maria Alice Paulino (Karapãna) e Kellen Natalice Vilharva (Guarani Kaiowá) - escolheu uma planta significativa para seus povos. Claudia escolheu a copaíba, Maria Alice o tucumã e Kellen o cedro-rosa. Essas plantas foram ativadoras de conversas que realizamos online, durante a residência artística “Perceber-fazer floresta I”, e que foram transcritas para serem apresentadas aqui. A primeira versão do livro aconteceu como um objeto escultórico, um livro-objeto, em que o corpo de cada planta foi feito de uma dobradura de papel, que saía do chão até o teto, e era composto por diferentes trançados que mesclavam fotografias e grafismos desses povos. Nesta versão digital do livro, apresentamos imagens desse livro-objeto, intercaladas com as falas transcritas e as fotografias e grafismos escolhidos por Claudia, Maria Alice e Kellen.

No capítulo de Claudia Baré, de Manaus - AM, ela nos conta sua história de vida e como ocorreu seu processo de reafirmação e reidentificação como mulher indígena. Claudia traz a importância da educação e moradia para os povos indígenas e a forma como trilhou sua trajetória na pedagogia e alfabetização bilíngue (em português e nheengatu), que deu início em 2015 na sua comunidade. Um trabalho com crianças e jovens de mais de trinta etnias num espaço cultural educacional que ela construiu, chamado “Espaço Cultural Indígena Uka Mbuesara Wakenai Anumarehit”, onde acontecem atividades culturais coletivas que enfatizam a importância do respeito no processo de aprendizado multilinguístico. No entrelaçamento com as árvores e seu povo, Claudia narra, ainda, sobre a importância medicinal da copaíba e sua preocupante exploração atual pela indústria farmacêutica.

Já o capítulo de Maria Alice Paulino apresenta um texto transcrito de uma conversa entre Kellen e Maria Alice. Num relato muito enriquecedor, Maria Alice nos convida a conhecermos melhor sua trajetória, um pouco da história do seu povo e dos seus pais. Uma história de resistência, perseverança, marcada por desafios de ser e de se identificar como indígena. Além disso, a conversa continua com uma instigante história sobre todo o processo de revitalização e fortalecimento da cultura indígena de sua etnia por meio do trabalho pedagógico realizado com o Museu.

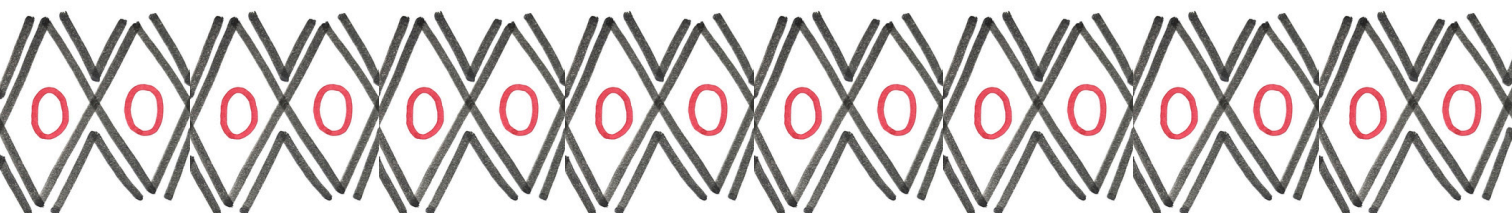




Maria conta, também, sobre a palmeira que escolheu para este livro: o tucumã. Ela relata os diversos usos sustentáveis do tucumã e sua imensa importância para a sobrevivência de seu povo. Por fim, ela nos apresenta os desafios encontrados durante sua vivência acadêmica no curso de teatro pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam).


Em outro capítulo conhecemos Kellen Natalice Vilharva, mulher indígena da etnia Guarani Kaiowá e, atualmente, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Clínica Médica da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Kellen atua na linha de pesquisa sobre plantas medicinais, pesquisando o cedro-rosa, e articula em suas investigações a ciência acadêmica e os saberes tradicionais. A conversa aqui é mais do que um relato individual, é um chamado para o universo cosmológico, espiritual e cultural dos Guarani Kaiowá, reconhecendo a profundidade de sua relação com a natureza, com a coletividade e com a espiritualidade. Ao compartilhar experiências sobre o “perceber-fazer floresta”, Kellen apresenta reflexões sobre o tekoha (território), as divindades, os rituais, os alimentos, os remédios tradicionais e o modo de ser indígena. Um ponto marcante de sua fala parte da conexão com a noção de “perceber-fazer floresta”: não se trata apenas de “preservar” a natureza, mas de reconhecê-la como um espaço vivo, habitado por donos, forças e espíritos. Isso nos inspira a repensar a relação com o meio ambiente não em termos de exploração ou uso, mas em termos de respeito, reciprocidade e equilíbrio. Kellen fala, também, sobre a capitalização de saberes indígenas, presença dos conhecimentos ancestrais no espaço acadêmico em suas falas, reforçando que as ciências indígenas não podem ser fragmentadas nem reduzidas a dados laboratoriais: elas são vivências, histórias e práticas enraizadas no tempo, no território e no coletivo. Assim, esta conversa é uma oportunidade de escuta e aprendizado, um registro que celebra a força das tradições Guarani Kaiowá e o protagonismo de Kellen Natalice na construção de pontes entre mundos.

Por fim, no último capítulo, o livro traz desenhos de artistas convidados que se inspiraram nas fotografias, grafismos e dobraduras apresentados no livro, dos povos Baré, Karapãna e Guarani Kaiowá, para criar com as plantas copaíba, tucumã e cedro-rosa.





CLAUDIA BARÉ



Eu sou Claudia, mais conhecida como Claudia Baré. Sou professora e tenho formação em pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), que finalizei em 2014. Moro no Parque das Tribos desde 2014, e meus pais são de Santa Isabel do Rio Negro. Nasci em Manaus e minha família sempre viveu entre Manaus e Santa Isabel do Rio Negro, que é um município próximo de São Gabriel da Cachoeira, perto da fronteira com a Venezuela. Nasci em Manaus, mas tive a minha infância em Santa Isabel do Rio Negro. Aos 12 anos saí da companhia dos meus pais, da comunidade do Livramento, para morar em Manaus e estudar, morando na casa de pessoas desconhecidas. Em 2000 finalizei o ensino médio e tive meu primeiro filho, Vinicius (Wirá Wasú), carreira mãe solo. Em 2004 fui morar no Rio Cuieiras e tive a Vivian (Sendi) e em 2006 a Victoria (Mani), do meu primeiro companheiro. Depois, com o meu companheiro Joilson Karapãno, tive dois filhos: o Wakenai e a Sofhie (Wanari).

Sempre estudei em Manaus. Em 2009 passei no vestibular específico para indígena na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e fiz o curso de licenciatura em pedagogia, com ênfase em interculturalidade. Era um curso específico para os professores indígenas e para as pessoas que já trabalhavam com os indígenas. Antes disso, também trabalhei no Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa), que é uma instituição respeitada no nosso estado. Foi através do Inpa que conheci os nossos parentes de base. É uma história bem longa. Para nós, que conseguimos fazer uma retomada e entender realmente o significado da palavra índio e da palavra indígena, para todos nós que tivemos esse processo de reidentificação, é uma história bem longa.

Meu pai sempre falou que nós somos Baré, que essa é a nossa etnia. Quando me reafirmei como indígena, me fortaleci mais, porque conheci os parentes de base e já me identificava como Claudia Baré.

Fui para a universidade em 2009 e em 2014 eu finalizei minha graduação. Na academia eu também interagi com os outros parentes. Na nossa sala de aula 80% dos estudantes eram indígenas. Quando eu finalizei o curso tinha muita vontade de fazer uma pós-graduação, mas fui encaminhada para uma outra responsabilidade: vir para o Parque das Tribos.

O Parque das Tribos é um assentamento que surgiu dia 18 de abril de 2014. Nessa época já estávamos junto com as outras lideranças indígenas. Quando eu fiz a colação de grau, já estava no Parque das Tribos. Estávamos iniciando uma luta por moradia para os parentes, porque sabemos que em nenhum lugar do nosso país existem políticas públicas de moradia para os indígenas. Quem sabe agora [2024], com as ministras à frente isso muda.



Messias Kokama era nosso cacique, ele infelizmente se foi na primeira onda do Covid. Passamos por altos e baixos, tivemos uma reintegração de posse concretizada, onde derrubaram mais de 50 barracos dos parentes. Isso aconteceu dia 19 de novembro de 2014. Já dentro do Parque das Tribos, começamos a trabalhar na educação escolar indígena, com meu apoio de recém pedagoga, com toda aquela energia para trabalhar. Iniciei esse trabalho juntando as crianças, com o que eu já tinha aprendido na academia e com a experiência do meu companheiro, que foi professor pioneiro, me orientando nas aulas práticas.


Nós iniciamos esse trabalho de educação escolar indígena aqui no Parque das Tribos em 2015. Quando vocês vierem aqui vão ter oportunidade de ver toda essa história. Temos as evidências guardadas: os documentos, fotos das primeiras crianças... Temos um acervo de documentos fotográficos, áudios, vídeos, para realmente mostrarmos para as pessoas. Às vezes, as pessoas falam e ninguém tem evidência, mas nós temos todas as evidências. Comecei esse trabalho na educação, já que o cacique sabia que eu tinha me formado como pedagoga. Eu era a única com ensino superior que estava aqui junto com eles, enfrentando, na luta.

Desde 2015, até hoje [2024], fazemos esse trabalho junto com as crianças. O momento atual é um momento muito feliz, devido a visibilidade do meu trabalho. Coloquei a mão na massa para alfabetizar as crianças e reforçar a cultura indígena. Eu não trabalho só com meu povo Baré, porque as crianças da escola são de várias etnias. No Parque das Tribos nós temos mais de trinta etnias indígenas reunidas e o nosso espaço não consegue agregar todas as crianças. Mas as crianças que conseguem vir são bem-vindas, de etnias variadas. Aqui nós temos Kokama, Mura, Apurinã, Tikuna, meus filhos - que são Karapãna -, temos também crianças Baré, Pira-tapuya, Tukano.

Devido a visibilidade, consegui um apoio financiador do Instituto “Heart Of Living Yoga Donation”, com parceiras que vieram da Inglaterra conhecer o meu trabalho e gostaram muito. Eles viram todas as postagens que nós fazemos no Instagram e no Facebook e vieram ver se realmente era o que eu falava. E quando chegaram aqui se depararam com outra realidade: a da necessidade. Graças a Deus eles viram isso, depois disseram que iam retornar e retornaram mesmo com apoio financeiro. Foi um momento muito preocupante, porque a estrutura de madeira da escola já estava para cair na cabeça das crianças. Aquela estrutura foi paga com meu dinheiro. O cacique Messias Kokama me escolheu para trabalhar porque eu já trabalhava como voluntária.







Ele deu a carta de anuência para que eu participasse do processo seletivo e fosse contratada. Foi assim que aconteceu.

A partir dos meus primeiros salários, sempre continuei trabalhando, comprei toda a estrutura da casa e fui fazer a minha escolinha, forma carinhosa como falo do espaço cultural. A terra, ele repassou para mim de doação: “Professora, está aí o terreno. Eu só não tenho como lhe ajudar com telha, nem madeira”. “Tá bom, eu dou meu jeito”. E os colegas foram doando lona para colocar em cima, para que as crianças se escondessem do Sol e da chuva. Foi muito desafiador para nós. Mas conseguimos passar por esse processo. E hoje estamos aí, com uma nova casa.

O nome da casa é “Espaço Cultural Indígena Uka Mbuesara Wakenai Anumarehit”, e fica bem em frente da minha casa. Com esse trabalho, com dedicação, fomos dando visibilidade à educação indígena. Hoje sabemos que a educação escolar indígena é uma das ferramentas principais e fundamentais para que possamos dizer que nós temos um lar aqui no Parque das Tribos.

As mais de setecentas famílias que vivem aqui tinham vergonha e medo de expressar e vivenciar suas culturas devido a discriminação do restante da população. Através do espaço cultural, aos poucos, nós conseguimos reafirmar e revitalizar nossas línguas indígenas, o preparo de nossa comida tradicional, nossos manifestos culturais - danças, rituais, arte, tomar xibé - e fazer eventos para que as pessoas de fora pudessem conhecer nossa cultura. Conseguimos fazer com que essas famílias se envolvessem e se fortalecessem junto com o trabalho envolvendo a educação indígena. Todos os materiais didáticos para trabalhar as línguas tiveram de ser criados por mim, pois não existia esse material. As escritas que temos hoje foram passadas pelos nossos ancestrais através da oralidade.

E a comunidade hoje tem esse reconhecimento e conseguimos, também, fortalecer os jovens. Isso para mim foi uma coisa bem importante, porque a maioria dos jovens, quando chegaram aqui, não gostava de se identificar como indígena justamente por causa da discriminação e do preconceito.



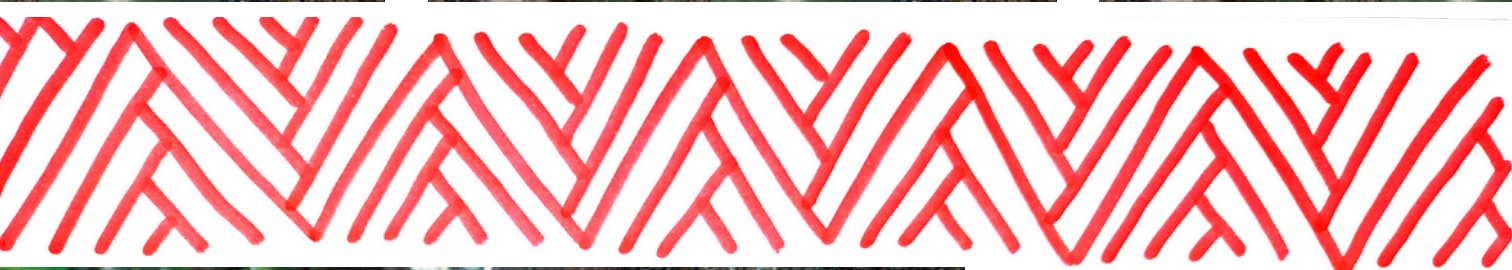
Mas conseguimos fortalecer os nossos jovens e hoje temos muitos jovens que se identificam como indígenas, sem ter nenhum tipo de vergonha em assumir a sua verdadeira identidade indígena.

Já no final do ano passado, quando surgiu a oportunidade de participar do processo seletivo [para fazer mestrado], eu disse que já estava preparada. Recebi auxílios de algumas amigas que já são mestras e doutoras, e propus o meu projeto. Fiz a tentativa de passar no mestrado da Unicamp, que é uma universidade de referência em todos os segmentos (é o que ouvimos falar aqui).

Fiz o projeto para o processo seletivo e fui sendo orientada. Escrevi todo o projeto, fiz as partes burocráticas... e fui selecionada. Foi uma alegria para mim e para os meus colegas. Foi uma coisa muito boa, que os meus pais também queriam. Essa é uma parte bem delicada. Às vezes eu evito de falar dos meus pais. É que eu perdi eles, há dois anos perdi meu pai e faz um ano que eu perdi a minha mãe, com sequelas da Covid... Meu pai era professor, ele também fundou duas escolas e nós sempre trabalhamos na educação.

Na Fundação de Vigilância Sanitária (FVS), eu trabalhei na área de saúde, com a malária. Depois fui para o Inpa para trabalhar com a mansonelose nas terras indígenas. Fazendo a coleta de sangue dos parentes, já que eu também sou parente. Os parentes confiam mais nos parentes para esses procedimentos. Eu sempre tive vontade de trabalhar na área de saúde, mas fui para a educação. Eu acho que já era de família, era para acontecer. Eu amo o que eu faço, que é compartilhar conhecimento, passar informações. Era isso que meu pai sempre quis. O meu pai sempre foi educador, desde os 15 ou 16 anos, porque ele foi criado pelos padres. Ele sempre alfabetizou as crianças nas comunidades indígenas do Rio Negro, tanto em Santa Isabel quanto, depois, em Manaus. Foi quando ele ajudou a fundar a comunidade Nossa Senhora do Livramento, que vocês vão ter a oportunidade de conhecer.

Hoje eu estou muito feliz porque era um sonho do meu pai escrever um livro na nossa língua, nheengatu. Por mais que não seja uma língua nossa, do povo Baré, é uma língua indígena. A língua originária do povo Baré é a língua Baré do tronco Aruak, mas o nheengatu se tornou a língua oficial do nosso povo.



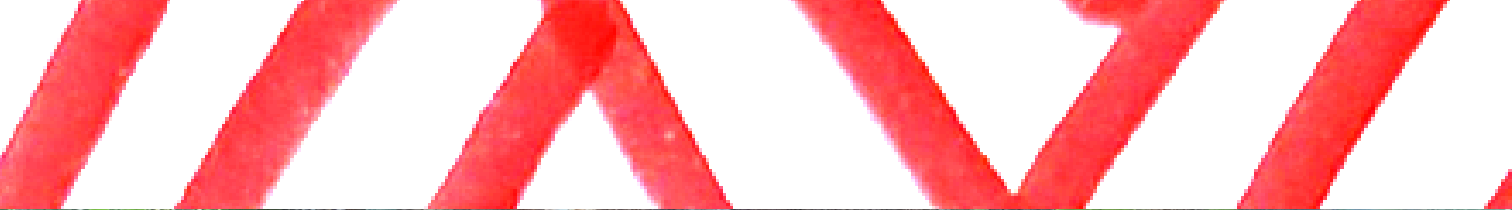



A maioria, senão todos os Barés, que são falantes, falam a língua nheengatu. É muito bom, para mim, estar na Unicamp, porque, de alguma forma, eu estou realizando esse sonho do meu pai. Com isso, futuramente, com certeza, farei uma cartilha que será muito proveitosa não só para as crianças do “Espaço Cultural Indígena Uka Mbuesara Wakenai Anumarehit”, mas também para auxiliar os professores indígenas que trabalham na língua nheengatu e quiserem usá-la.

Algumas pessoas vêm de fora para visitar nosso centro e eu as acompanho. Nosso centro se tornou referência, assim como o Parque das Tribos. Sempre destacamos esse trabalho e sua importância. Sem esquecer das pessoas do Parque que foram fundamentais: Cacique Messias Kokama, Cacique Joilson Karapãna e Cacique Lutana Kokama, que é uma mulher que eu vou ter o prazer que vocês a conheçam. Ela também tem uma história incrível, de mulher valente. Logo no início das atividades da escola, quando haviam alunos indígenas falantes e outros não falantes, uns queriam rir dos outros porque achavam aquilo estranho: outra pessoa falando outra língua no mesmo ambiente. Então, eu expliquei que existem pessoas que são falantes e que existem pessoas que estão nesse processo, de buscar sua verdadeira fala, sua fala de origem, sua língua de origem. Fui tentando fazer esse trabalho. Eu resumo tudo em uma palavrinha só: respeito. A palavra respeito é uma palavra muito forte, e foi uma palavra que eu usei bastante desde o início. Outro trabalho importante é justamente orientar os pais, para que não deixem de falar com as crianças na sua casa, no seu cotidiano. Foi um trabalho bem minucioso e delicado, porque temos que usar as palavras certas. Trabalhar com multilinguismo é uma coisa bem delicada, que você não pode puxar pro lado A, nem B. É diferente de você trabalhar com um só povo. Se eu trabalhasse só com os Barés, e os que ainda estavam retomando a sua origem, eu teria que buscar os materiais. Como eu estava junto com os outros professores, eu tinha como buscar os materiais e fazer esse trabalho de mostrar: “olha esse aqui, é assim que o teu povo escreve”.

Tem o povo Tikuna, que é um povo que já é falante desde criança. A criança já nasce aprendendo a falar Tikuna. Então, para cada povo, são processos diferentes de ensino, para os quais precisamos ter a maior atenção, a maior paciência do mundo, para poder lidar com todos eles. Eu trabalhava nesse incentivo. Buscando fazer um trabalho prático que envolvesse todos os alunos: nas visitas, ao andar nas matas, ao deixar as crianças subirem nas árvores; porque estamos em uma área periurbana, que não é tanto na cidade, mas também não é tão no interior, e tem muito acesso à tecnologia, o que divide a atenção deles. Então temos que saber dividir os tempos, e saber propor para eles quando e como deve ser usada a tecnologia a nosso favor.

Eu os levava muito para os eventos. Eventos onde éramos convidados para longe da comunidade. Fazíamos, também, eventos aqui dentro do Parque das Tribos, para que toda a comunidade fosse envolvida. Foi quando tivemos a ideia de fazer a feira indígena MAKÚ ETÁ MURAKI. Daí eles começaram a mostrar o outro lado deles: o lado da cultura, da dança, da comida, dos artesanatos... Foi uma coisa muito boa, porque teve muita gente que vinha para comprar, apreciar e ver essas manifestações culturais dos indígenas que vivem aqui no Parque das Tribos. Eu encabeçava o trabalho e tinha toda uma equipe que auxiliava. Foi dessa forma que desenvolvemos os trabalhos em conjunto com as lideranças das etnias que estavam aqui. Com as crianças, envolvendo os jovens, as mulheres, também fizemos alguns projetos com a Rede de Mulheres do Amazonas, da qual eu também faço parte. Foi envolvendo jovens, capacitando eles, para que tivessem interesse em trabalhar com os artesanatos, com os grafismos indígenas corporais e até com a moda indígena. Nós participamos em 2022 do Moda Indígena, onde nós, artesãos, fomos bem valorizados. Também colocamos os jovens e as crianças para desfilarem. Foi um momento muito lindo, porque é um momento que desperta aquele orgulho de ser indígena. Eu acho que é um momento que todo ser humano gosta, de ser aplaudido, de ser bem visto e valorizado. Às vezes as pessoas não estão nem aí para os jovens, mas nós vemos uma importância enorme neles, nos jovens e nas crianças. E assim fazemos um ciclo. Porque vamos envolvendo todo mundo, desde o ancião... Porque o ancião é que vai falar sobre aquela história, sobre aquele grafismo, sobre o que significa o grafismo, para que se possa fazer esse grafismo numa roupa. É mostrar para que serve essa roupa, já que vai ser confeccionada pela estilista e usada pelo jovem e pela criança. Vocês veem como tudo se engloba? É muito interessante. Às vezes, até eu fico surpresa com tanta coisa que temos para mostrar. E tudo se resume à nossa identidade indígena. É muito linda a nossa cultura, envolvendo toda a comunidade, dos mais velhos aos mais novos. É dessa forma que vamos fazendo esses trabalhos, é assim que fazemos a nossa metodologia, nossos processos pedagógicos, envolvendo a comunidade. Agora, aqui no espaço, não temos como receber muitas pessoas, porque o nosso espaço é pequeno, e aqui no Parque são mais de setecentas famílias. Por isso, terminamos acolhendo principalmente as crianças que estão mais próximas.






O centro chama-se Espaço Cultural Indígena Uka Mbuesara Wakenai Anumarehit (ECIUMWA), porque Uka, em nheengatu, é casa em português; Wakenai, em aruak, é origem em português; Anumarehit, em sateré, é guerreiro em português; e Mbuesara, em nheengatu, é aprender em português.

Nós incentivamos bastante os jovens para que eles possam fazer esses trabalhos, sem vergonha de mostrar. Nós temos uma ex-aluna, a Elizete Tikuna, que se tornou uma performer indígena: ela traz a história do povo dela em forma de dança. Isso é muito lindo. Nós temos um grupo milenar... Eu digo milenar porque são danças tocadas por uma flauta, o cariçu. A dança é composta por pessoas mais velhas, idosos, que tocam as flautas muito lindamente. O som das flautas é de Karisú, que é uma Taboquinha. Nós temos o grupo Éware, que é um grupo Tikuna. Um grupo que é uma mistura do antigo com o atual, bem contemporâneo mesmo, mas sempre com músicas na língua indígena. Eles têm uma estrutura própria, com a roupa deles e com as vestes deles. Tem também o Grupo dos Sateré Mawé, os grupos das Kunhã Purãnga e o grupo Kaxiri na Kuia, que é só de mulheres. Os grupos Kaxiri na Kuia e o Karisú nós criamos, desde o primeiro ano, aqui no Parque das Tribos. Só foram mudando os componentes, mas eles permanecem com essa vontade de sempre estar ali nos eventos, onde são convidados para demonstrar as habilidades, demonstrar a própria cultura do povo deles. Existem alguns grupos que são apenas de uma etnia, no caso do grupo Tikuna. Já outros se misturam com outras etnias. Ainda tem um grupo de crianças que dança também, é o Grupo Marakanandé. Eles dançam uma música da minha amiga Djuena Tikuna. O Marakanandé é um símbolo daqui do Parque das Tribos. A dança é um símbolo de resistência que une todos os povos. É sempre demonstrado nos eventos com crianças aqui do ECIUMWA. As crianças já sabem direitinho o significado da música Marakanandé, cantada na voz da Djuena Tikuna.

Não sei se os Karapãna vão estar na inauguração com as crianças, porque já começaram as aulas aqui para elas. Eles têm uns grupos que fazem os rituais deles. Só que é um ritual no mato, mais sagrado, que eles levam lá para o lado da Sapopema, para fazer o barulho. Eu ainda não participei desses rituais, porque eu sempre tenho alguma coisa para fazer.





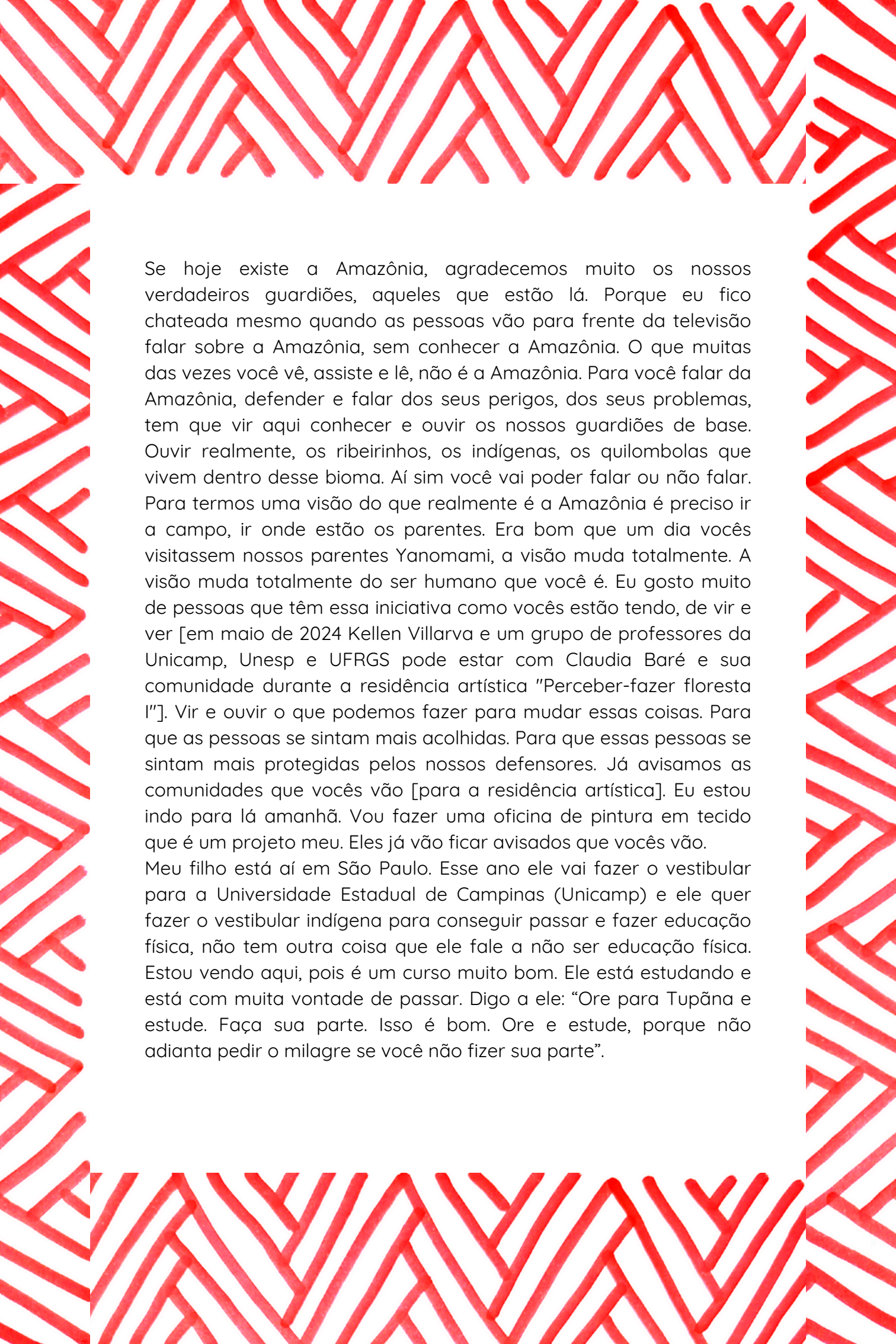
Os Karapãna têm um museu. E aqui na nossa escolinha já temos os nossos acervos. Só que ainda não temos um lugar apropriado para guardar o material que utilizamos no decorrer de todo esse processo. Agora o pessoal do Diu'na está se organizando, lá também já funciona a educação escolar indígena, e vocês vão ter oportunidade de conhecer o museu dos Karapãna, lá eles vão poder explicar a cosmologia do povo deles. É muito interessante, é muito bonito mesmo.

Eu queria ter oportunidade de falar como os ativistas. Eles falam na COP (Conferências das Partes), mas tem certas coisas que eu não concordo. Quando eles falam que eles são guardiões, tenho outro conceito de guardião. Guardião para mim é o meu irmão. Para mim, os guardiões são os Yanomami. São o povo com o qual eu tenho uma proximidade. Fico muito chateada quando chegam pessoas que usam esse nome de guardião, sem nunca ter guardado nada! O guardião fica na frente. Uma base da Terra Indígena Ueineixe. O guardião fica na frente de contato, fiscalizando quem entra e quem sai. Muitas vezes entram narcotraficantes, madeireiros... E ele não pode fazer nada! Ele guarda o que lhe cabe. Por quê? Porque lá ele não tem uma arma... Só agora que tem Internet. Ele não tem ninguém, só Tupana por ele. Só Tupana que guarda a vida dele.

Às vezes nos preocupamos quando eles estão naquela frente. Isso a Globo não mostra. Eu fico chateada com o uso desse nome, muita gente se intitula de guardião, sem ser guardião. Guardiã, nem eu mesma sou. Eu me sinto uma defensora dos nossos direitos, eu me sinto uma defensora dos nossos parentes que estão na base. Guardião para mim é meu irmão. Guardião para mim é esse povo Yanomami, que está lá na área deles guardando o lugar deles. Eu falo principalmente dos Yanomami, porque eu tenho mais proximidade com os do rio Marauíá, que fica em Santa Isabel do Rio Negro. Para mim os guardiões são eles. A gente se intitula defensor, porque é isso que nós somos.

Quando defendemos uma causa, quando defendemos os direitos dos povos, dos indígenas, aí sim, mas guardião não! Guardiões são eles, que guardam como se fosse a vida deles aquele território, aquela floresta, aquele rio. É muito bom quando vemos pessoas que defendem a floresta, defendem os territórios. Mas não podemos esquecer jamais dos principais, que são as pessoas, porque se não tiver pessoas ali como um guardião, a floresta já tinha sido invadida há muito tempo... mais do que já está.



A decorative border made of thick, hand-drawn red lines forming a complex, interlocking geometric pattern, resembling a stylized zigzag or a series of connected 'V' shapes, surrounds the central text area.

Se hoje existe a Amazônia, agradecemos muito os nossos verdadeiros guardiões, aqueles que estão lá. Porque eu fico chateada mesmo quando as pessoas vão para frente da televisão falar sobre a Amazônia, sem conhecer a Amazônia. O que muitas das vezes você vê, assiste e lê, não é a Amazônia. Para você falar da Amazônia, defender e falar dos seus perigos, dos seus problemas, tem que vir aqui conhecer e ouvir os nossos guardiões de base. Ouvir realmente, os ribeirinhos, os indígenas, os quilombolas que vivem dentro desse bioma. Aí sim você vai poder falar ou não falar. Para termos uma visão do que realmente é a Amazônia é preciso ir a campo, ir onde estão os parentes. Era bom que um dia vocês visitassem nossos parentes Yanomami, a visão muda totalmente. A visão muda totalmente do ser humano que você é. Eu gosto muito de pessoas que têm essa iniciativa como vocês estão tendo, de vir e ver [em maio de 2024 Kellen Villarva e um grupo de professores da Unicamp, Unesp e UFRGS pode estar com Claudia Baré e sua comunidade durante a residência artística "Perceber-fazer floresta I"]. Vir e ouvir o que podemos fazer para mudar essas coisas. Para que as pessoas se sintam mais acolhidas. Para que essas pessoas se sintam mais protegidas pelos nossos defensores. Já avisamos as comunidades que vocês vão [para a residência artística]. Eu estou indo para lá amanhã. Vou fazer uma oficina de pintura em tecido que é um projeto meu. Eles já vão ficar avisados que vocês vão. Meu filho está aí em São Paulo. Esse ano ele vai fazer o vestibular para a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e ele quer fazer o vestibular indígena para conseguir passar e fazer educação física, não tem outra coisa que ele fale a não ser educação física. Estou vendo aqui, pois é um curso muito bom. Ele está estudando e está com muita vontade de passar. Digo a ele: "Ore para Tupãna e estude. Faça sua parte. Isso é bom. Ore e estude, porque não adianta pedir o milagre se você não fizer sua parte".



Queria falar agora da importância da copaíba para o povo Baré. Essa planta sempre foi muito importante para os povos indígenas e, especialmente, para o povo Baré. Nós sempre usamos o óleo da Copaíba como anti-inflamatório e para cicatrização. Usamos, também, para afastar os mosquitos e para gripe. Minha mãe sempre dizia que, por ser amarga, a copaíba ajuda a cicatrizar e afastar os mosquitos. Quando a pessoa está gripada nós misturamos copaíba, mel e andiroba, enrolamos no dedo e enfiamos na garganta da criança para ela vomitar a baba grossa que faz ela tossir. A copaíba é, para nós, um remédio fundamental e o óleo dessa planta é retirado de um tubo que é cravado no tronco da árvore. Mas tem um mistério ligado à copaíba: se você fala muito na floresta ela, automaticamente, estanca o óleo, o óleo não desce e não conseguimos retirar. Quando você se direciona à árvore, você tem que ir em silêncio. Não pode olhar para cima, para a copa, e não pode falar. A copaíba tem sido muito visada pelos ambiciosos para fazer remédios e cosméticos em grande escala, o que coloca em risco sua existência e dos povos indígenas. Temos que fazer algo para que ela não entre em extinção para que possamos nos manter com saúde.








MARIA ALICE
PAULINO
KARAPÃNA







Kellen: Bom dia, Maria Alice. Primeiramente gostaria de agradecer a disposição da parenta, e dizer que é uma honra poder te escutar. Eu tenho certeza que vai ser uma honra para as pessoas poderem escutar você compartilhar sua história, seu povo, a luta de vocês e toda a riqueza cultural.

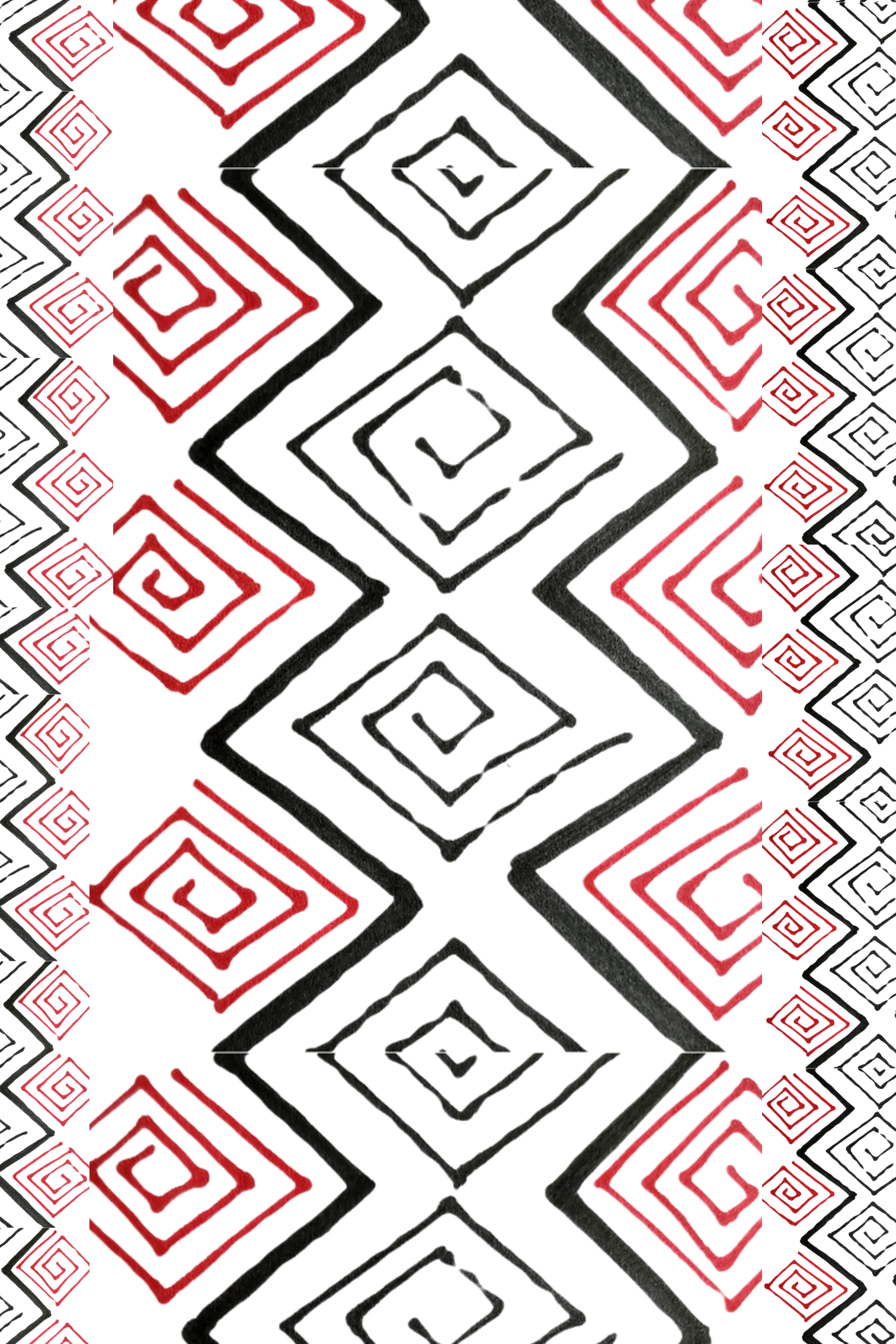
Vou me apresentar: meu nome é Kellen Vilharva, eu conheci a Maria Alice na residência artística [Perceber-fazer floresta I], quando nós fomos para Manaus [em 2024]. Eu sou da etnia Guarani Kaiowá e Maria Alice é da etnia Karapãna, e essa troca cultural na residência artística foi muito incrível para mim. Poder estar na comunidade de vocês e vivenciar isso, foram momentos incríveis.


Vou fazer uma breve apresentação da sua biografia, mas sei que não cabe em palavras, Maria Alice, tudo que você e sua família representam. Depois, fique à vontade para acrescentar o que você quiser.

Maria Alice Paulino Karapãna nasceu em Manaus. É palestrante, arte-educadora e liderança em sua comunidade. Também é acadêmica de licenciatura em teatro na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e tem desenvolvido trabalho na comunidade, principalmente com as mulheres. Maria Alice, mais uma vez, muito obrigado pela presença. É muita felicidade poder te escutar, então fique à vontade para falar da sua história, da sua família, da comunidade e toda essa riqueza que podemos vivenciar com você, e agora transmitir com essas palavras.

Maria: Katuretê, obrigada. Purangaára, unhandêkuema, bom dia. Eu sou Maria Alice, e os meus pais nasceram em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. Eu já nasci aqui em Manaus. A origem do povo Karapãna é no território de São Gabriel, fronteira com a Colômbia. Vieram na década de 1950 e 1960. O meu pai, Manuel Paulino Karapanã, é do “baixão do rio”, que nós chamamos de São Gabriel. Ele trabalhava com piaçava e balata [seringa-borracha] e nessa época estava surgindo o Salesiano [grupo da igreja católica que colonizava a população indígena de São Gabriel, ensinava a língua portuguesa e recrutava os indígenas jovens para fazer parte da igreja]. Foi quando meu pai e a minha mãe aprenderam a ler e escrever. Eles se conheceram bem jovens e se casaram nessa época. Não se sabe a idade, porque naquela época eles não tinham como tirar o registro. Se casaram e formaram família, Karapãna e Piratapuya, como se fala atualmente.



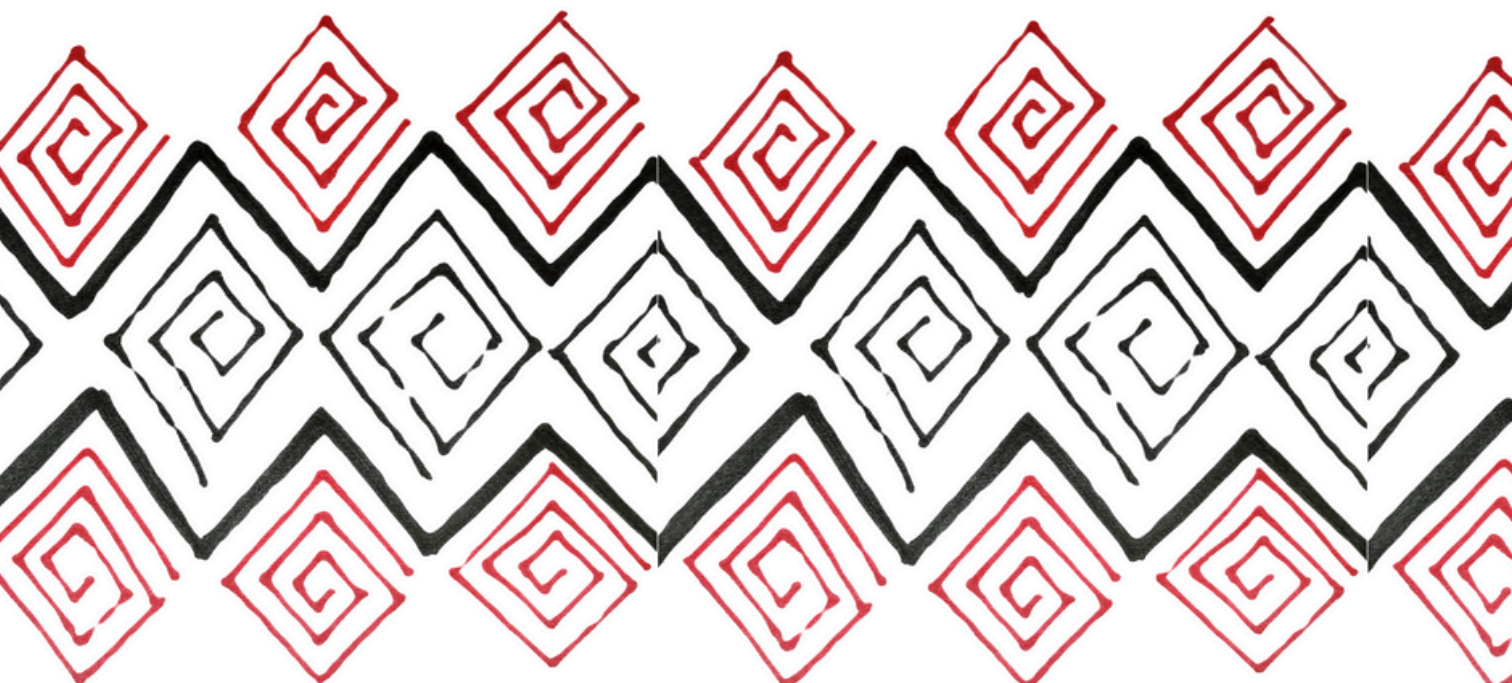





Meu pai vivenciou uma imposição do sistema colonizador, que na época chamavam de “os patrões”, e que escravizou a população indígena. Ele acabou fugindo desse trabalho, e até mesmo da escola Salesiana, que tinha um sistema bem rigoroso de ensino e aprendizado e proibia falar nossas línguas. Meu pai acabou voltando para a aldeia, onde conheceu a minha mãe e se casaram. Depois ele foi trabalhar na balata, onde novamente foi escravizado e fugiu.

Em 1960, baixando o rio, ele viu a SPI [Serviço de Proteção aos Índios] e subindo passou a ser funcionário avulso pela Funai [Fundação Nacional dos Povos Indígenas]. Voltou após um tempo e foi buscar minha mãe, Otília da Silva, na aldeia com os meus tios. Meus pais já tinham meus três irmãos mais velhos que nasceram em São Gabriel e começaram com o que chamamos de trabalho de frente, para conhecer novos povos, novos parentes, novas línguas e novas culturas. Ele já fazia esse trabalho pela Funai e também ensinou muitos parentes a trabalharem na agricultura, aprendeu as medicinas tradicionais e os tesumes (tecidos e palha usados para tecer os utensílios como peneira, balaio, brinquedos de palha etc.). Meu pai acha que passou vinte anos trabalhando, ele não tinha essa ideia de data ou ano, só sabia que estava no rio. Meu pai conhecia os parentes Yanomami, os Wametoari, os Maku, os Macuxi. Por isso ele sabia falar várias línguas. Ele vivia com a minha mãe cuidando dos parentes, tratava de parentes doentes, também fazia parto, ajudava... assim foi a nossa história.

Meu pai vinha para Manaus e trabalhava junto com os Wametoari. A minha mãe com meus irmãos ficaram no rio Demini, que é um afluente aqui do rio Negro. Meu irmão, Odair Paulino, acabou adoecendo com malária, pegou uma malária profunda, ficou com anemia e tuberculose e foi internado. Ele estava para falecer e, nessa época, estava acontecendo a ditadura militar no território dos Wametoari. Estavam construindo a BR-174, onde houve um massacre e eles o tinham proibido de voltar para a família. A minha mãe pediu para se despedir do meu irmão.





Nesse tempo, foram buscar ele e trouxeram para Manaus, e ele acabou não voltando para Funai. Ele “fugiu”, dizendo assim entre aspas. Então, passou a vir para a região do rio Tarumã-Açu onde ele ia para Tarumã-Mirim, rios Cuiera, Demeni, Camanaú e Alalaú.

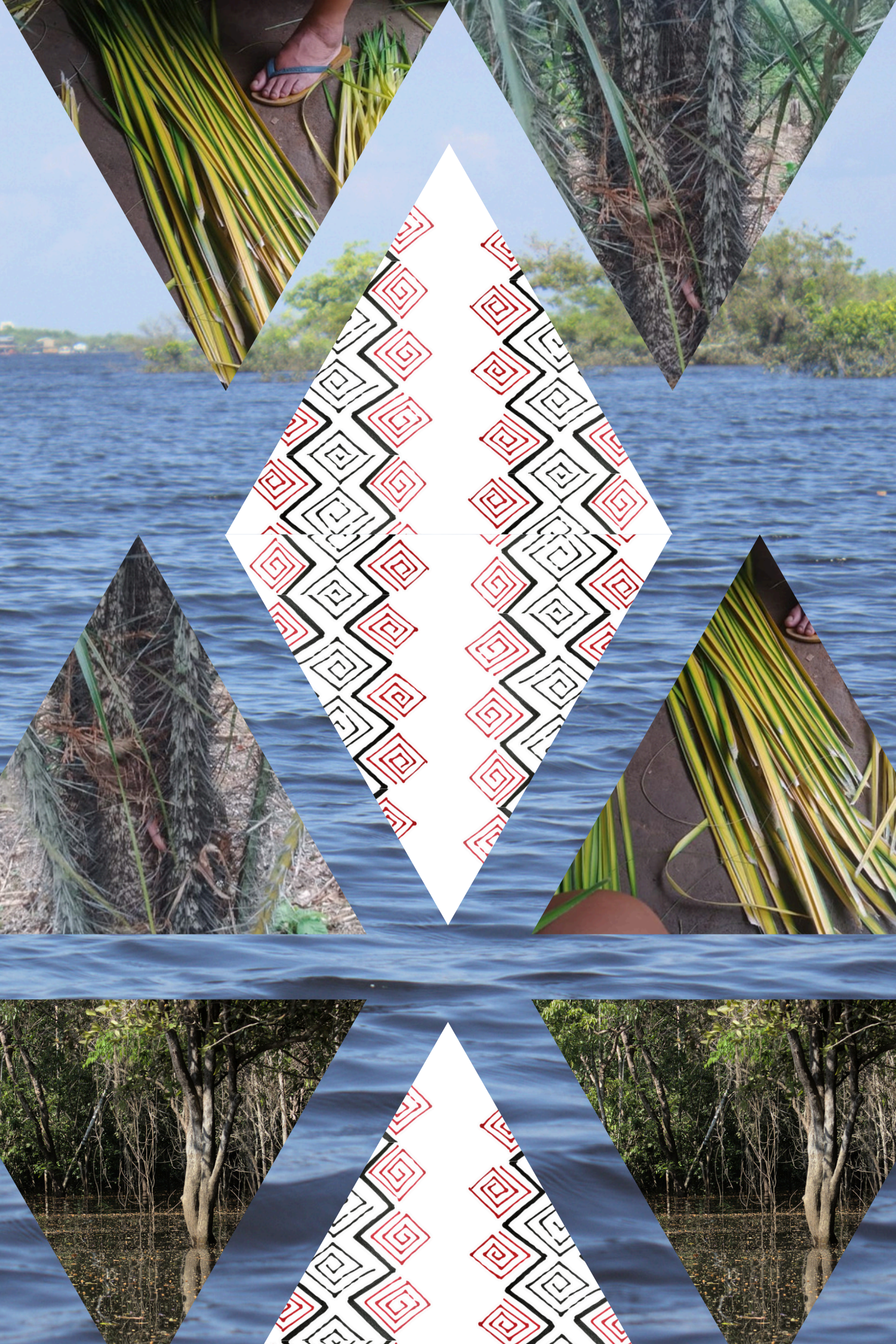
Em 1980, eu nasci na região do rio Tarumã-Açu. Como dizia a mamãe: “tem registro na cabeceira, no meio e na boca”. Ela fazia roça, pescava e coletava os frutos naturais. Aqui dá bacaba, açaí, patuá, tucumã e nós pescávamos e caçávamos. Era uma agricultura de subsistência e de coleta também. Em 1990, chegou a expansão urbana e as terras daqui foram se tornando privatizadas. Houve sobreposição de terras também do município, Estado e União.


Veio “chegando a cidade”. Aquela imposição, os perigos, as destruições dos barracos dos moradores antigos e da população tradicional também. Foi quando a mamãe não queria que nós nos autoidentificássemos - “eu sou indígena” - para todo mundo e nem falássemos na língua, cereira pixuna [meu nome é preta], por exemplo. Por isso tínhamos essa timidez de falar durante toda a nossa vivência. Até 2000, quando passamos a trabalhar com a educação escolar indígena e o fortalecimento também da cultura, que já vivenciávamos — mas passamos a registrar também —, nesse momento, eu, meus dois irmãos e minha irmã passamos a fazer as formações pelo município. Esse também foi um processo de luta, tivemos muitas dificuldades, pois a escola era distante, tinha o dinheiro da estadia, da comida, tudo diferente.

Nossa escrita como população indígena é sempre diferenciada, como no português, com as regras gramaticais. Estudamos até o ensino fundamental, não tivemos uma formação de qualidade do ensino regular — como não tem no nosso sistema brasileiro. Nós temos essa deficiência, aprendemos o básico do básico. Sempre ouvimos o papai e a mamãe falar dos rios, das leituras, das medicinas tradicionais, dos elementos naturais, da importância disso tudo para nós. Da palavra, ela falava e fazia com que vivenciássemos o momento também, de fazer leitura do tempo, de quando os animais estão falando, os passarinhos estão falando, quando o rio estava muito tranquilo, o que iria acontecer.

Quando o vento estava parado, qual era a notícia? Eles tinham essa leitura. E como é que eles conseguiam? Quando olhavam para o céu, diziam para se preparar que viria uma doença... mas como o céu estava falando que viria uma doença? Tudo isso ela sempre buscou compartilhar conosco. Na agricultura, nos ensinou a plantar: “faz roça que vocês vão ter o que comer”, dizia.

Pelo sistema do governo, não tínhamos muito, como temos atualmente. Éramos sempre nós a produzir o nosso alimento de qualidade e natural e pescar.






Sempre íamos pescar no rio, era de manhã e de tarde que meu pai pegava peixe para comermos. Mas com o tempo foi ficando tudo escasso devido à expansão urbana. Veio a poluição dos rios e a redução dos espaços, dos territórios onde não podia mais se caçar. E tudo foi ficando privatizado. Isso foi acabando com a nossa vivência de ter um território extenso ao longo do rio.

Hoje nós estamos fortalecendo a luta nesse espaço de sobrevivência. Eu sou a caçula de oito irmãos e procurávamos viver sempre juntos, em comunidade, em família. Visitávamos os nossos tios, sempre compartilhando tudo. Não tinha “isso é só meu, só para mim”. Até os roçados que fazíamos eram de ajuri, que é o mutirão. Chamávamos os parentes de longe para fazer as partilhas dos alimentos, de tudo que tínhamos.

Com o tempo, fomos vendo a mudança. A mudança que a influência do não indígena traz. Cada um vai ficando um pouco distante: “não, é meu”, “esse é meu”, “esse é meu”. O trabalho voluntário ou solidário foi ficando cada vez mais escasso. Mas mesmo assim, continuamos na luta por políticas públicas, que são coletivas. Trazemos essa história com os outros parentes, que sabemos que é uma mistura pluriétnica. Eu tenho origem não só Karapãna, mas Piratapuya e Desana. Tem dos Baré também, que são outros tios, porque depois que minha avó faleceu, meu avô acabou se casando com outra mulher. Agora, com o tempo, estamos nos aproximando mais. Eles veem o nosso rosto na mídia e nos procuram. Essa aproximação origina uma etnia pluriétnica, em várias línguas. O meu pai falava tukano, a minha mãe piratapuya e, no final, nós adotamos o nheengatú para nos entendermos, e o português, que é o básico.

Mas toda essa história da população gerou um etnotrauma, um trauma pós-guerra, que fez meu pai se tornar muito fechado. Quando eu fui pela primeira vez falar em público com a universidade ou com o povo, ele brigou comigo. Disse: “não é para falar, eles são puxuera [mau], essa gente branca... eles são maus, não é para falar”. O que meu pai traz como um estigma na pele... Vivenciamos tudo isso. Mas com o tempo, eu senti essa necessidade de expor um pouco da história do povo Karapãna. E quando o Joilson Karapãna, que é o meu outro irmão, começou a participar dos movimentos sociais, acabou nos levando também a estar nessa luta. Não somos muito de aparecer na frente, ou de ter ali um cargo de status. Gostamos mais de contribuir nos bastidores, ajudar a fazer a nossa parte.

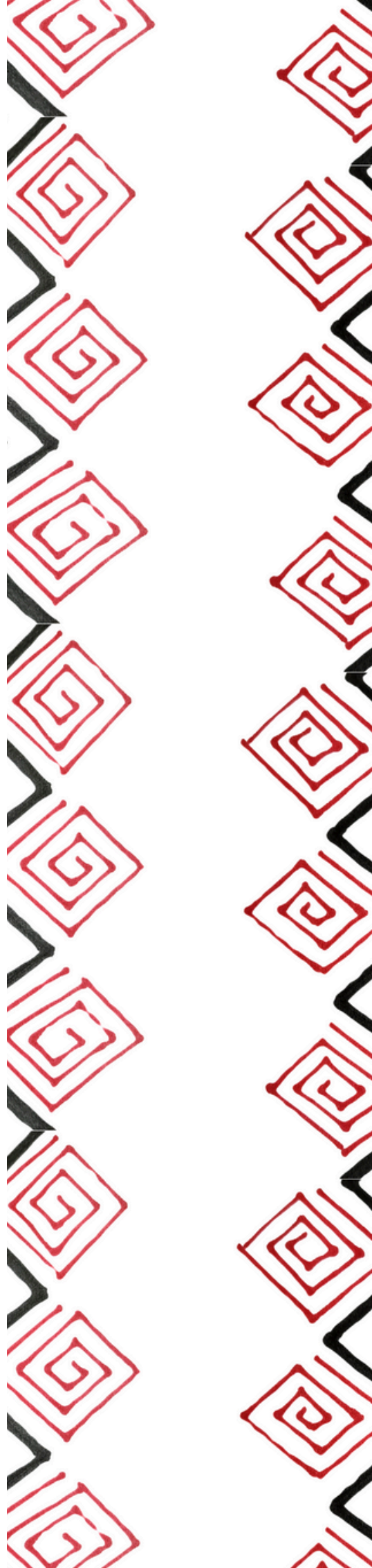





Minha mãe começou a falar da nossa história, vivenciamos com esse povo tudo que ela teve contato e tivemos a ideia de falar com o papai para ele fazer um livro e contar um pouco dessa história. O livro foi lançado em 2023, com o título “IXÉ SASIARA: Tocaram fogo em tudo: eu me calei” [<http://novacartografiasocial.com.br/livros/colecao-narrativas-indigenas/>], que conta um pouco do que meu pai e minha mãe vivenciaram juntos nessa vida deles dos rios.

Em 2016 chegou o museu, na mesma época que eu assumi como professora. Não tínhamos livros paradidáticos prontos para dar aula para as crianças, e o museu veio nesse sentido, de formar com os instrumentos musicais, o paneiro, os instrumentos de caça e pesca. Fizemos um levantamento e colocamos no museu todo um trabalho manual relacionado tanto com a geografia, quanto com a matemática. O museu trazia toda a cultura, o canto, a música... Ali nos revitalizamos e fortalecemos com o que estava praticamente adormecido. Quando os parentes propuseram: “vamos fazer o museu”. Meu pai disse: “Não! Não vamos mostrar nada para ninguém”. E eu pensei: “Ai meu Deus, e agora?”. Aí falei com meus irmãos mais velhos: “Não, o papai falou que não é para fazer, a gente não faz”. Porque a palavra de pai e de mãe é lei. “E agora, o que que eu faço?”. Continuei tentando em 2016, 2017 e em 2018 finalmente consegui que ele nos deixasse fazer o museu. Decidimos mostrar os instrumentos musicais e de canto, inclusive as medicinas tradicionais das benzeduras que ele fazia.

Meu pai trazia consigo a sabedoria do clã de xamãs e pajés e também o símbolo [que trazia muito da força dos animais que usava para curar e ter força, que incluía o dente da onça, a unha e o bico do gavião, a cobra, o jabuti, a cotia e o macaco] que só tivemos acesso quando ele veio a falecer. A maioria dos nossos parentes falava assim: “Ele cura, ele sabe, sabe o remédio para todo tipo de doença”. Ele sempre foi médico, mas não conseguiu se curar durante a pandemia. Nessa época nosso pai falou que tinha remédio na mata, que precisávamos cultivar e teríamos que fazer esse processo de fortalecimento. Foi quando eu e meus irmãos mais velhos fomos até o viveiro e para a mata ver o que ele tinha nos ensinado ali.






O nosso pai não era uma pessoa preguiçosa. Quando ele estava em casa, sempre estava fazendo algo, ou o paneiro ou a peneira, e nós sempre aprendendo com ele ali. Aprendíamos os costumes, os traçados, caçar e pescar também. Poderiam dizer “no rio não tem peixe”, mas ele ia lá e trazia uma enfiada de peixe, uma baciada de peixe. E a gente dizia: “Olha, só o papai mesmo!”.

Um dos símbolos que trouxemos para o museu é o abano, que tem o símbolo do coração e o traçado. Com formato único que é do “olho” do tucumã. Tiramos o talo do tucumã e fazemos um processo de seca, depois é tecido para fazer o abano. Nosso pai fazia um, dois ou três todos os dias. Quando era tempo de escassez, ele fazia para trocar por alimento ou para vender, para que tivéssemos o que comer. Ao longo do rio Tarumã-Açu tem bastante tucumã e outras frutas. O tempo do tucumã é de janeiro até maio, que é um tempo bastante farto para nós. Então, esse foi o símbolo do museu, escolhido por todos. Por isso se chama “Museu Vivo”, pois está sempre em movimento.

Kellen: Que legal Maria! Tivemos a oportunidade de ver o Museu, e ir lá na comunidade, e poder andar ali. Foi muito bonito poder vivenciar isso. Todo mundo nos recebeu. O rio, o riozinho lá onde tomamos banho. Apesar de ser um espaço limitado, de um lado e de outro com propriedades privadas, a resistência aí é muito grande. Acho que foi muito legal essa conexão. Eu vi que o tucumã é uma planta muito especial para vocês. As plantas têm um potencial tão bonito. Não só alimentar, não só de artesanato, mas de um tudo. Acho que pra sua família, para sua comunidade, o tucumã representa muita coisa, e a memória do seu pai. Eu mesma não conhecia o tucumã, fui comer a fruta em São Gabriel da Cachoeira e fiquei apaixonada com gosto, tucumã com beiju é maravilhoso. Se você puder contar para as pessoas o que é o tucumã, o que dá para fazer com ele. Porque ele não é só um alimento, dá para fazer trançado. Conta um pouquinho disso para o pessoal, acho que seria importante.

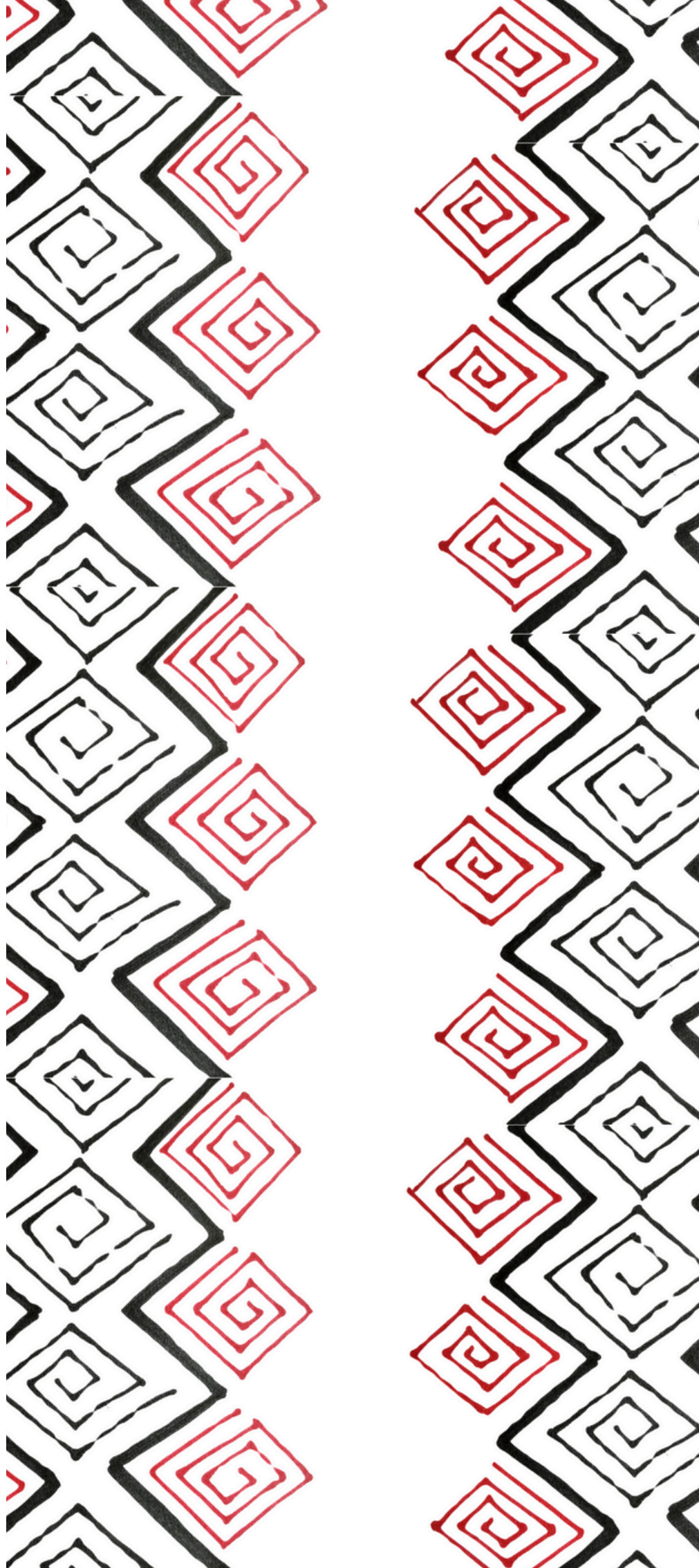





Maria: O tucumã é uma palmeira que tem muitos espinhos. Antigamente, para muitos, era apenas aquela palmeira que era uma praga que machucava. Mas, para nós indígenas, é uma fonte de alimento, começa a dar frutos a partir de 5 a 7 anos. Quando a palmeira já está bem jovem, tiramos o olho dela para fazer os artesanatos, como o abano e os paneiros. Também já dá para fazer uma saia de dança, óleo para o cabelo, shampoo, sorvete... A fruta dela poderá se tornar Patrimônio Cultural Imaterial do estado do Amazonas. O x-caboquinho já está reconhecido assim por Lei Estadual. Nós dizíamos: “estou comendo um alimento que é popular, mas agora ele é um alimento chique”, ou “meu Deus, estou tomando café da manhã chique aqui, com tucumã”. Ele é forte, comendo ele ficamos satisfeitos praticamente o dia inteiro. Tanto no café da manhã, almoço ou lanche da tarde. A minha mãe comia com peixe, fazia a mujica, que é a sopa. Atualmente, comemos com pão, mas antes comíamos com beiju e farinha. Agora tem a tapiquinha que fazem também, com tucumã.

O tucumã é bem fácil de nascer, é só fazer a seleção das frutas. Tem umas que são amargas, outras bem docinhas, elas também variam de cor, umas são bem vermelhinhas, outras meio amareladas, que chamamos de tucumã arara. Cada variedade atrai diferentes animais, a cutia é um deles. Outros animais também comem a fruta. Antes podíamos caçar esses animais, agora não pode mais pegar cutia. O meu pai saía às vezes para coletar, quando ele voltava, estava com o paneiro cheio: “Tá aqui ó, é para vocês”. E ele conhecia onde tinha, o que era bom, e o que era amargo, ele também sabia essa diferença de tudo. “Aquele lá não pode, deixa só para os bichos, esse daqui nós podemos comer”. Sabemos que existem variedades de tucumã: tem os que são da várzea, tem os que são da capoeira e os de terra firme também. Cada um tem um sabor diferente e assim vamos aprendendo. Os menores se dão na área de capoeira, o bem menor ainda dá na área de várzea e os de mata virgem são os maiores.

Kellen: Entendi, que legal, que riqueza. Tem todo um ecossistema, nem imaginamos que existem vários tipos de tucumã dependendo da área, porque quando eu fui, eu só vi aquela ali na comunidade que serve de alimento para os animais. As aves também devem aproveitar bastante nessa época, de janeiro até maio, foi o que você falou. E falando um pouquinho sobre o seu curso, Maria Alice, você faz teatro, é isso? E como tem sido ser professora e estudar? Porque o estudo acho que tem sido para mim, pelo menos, um caminho de fortalecer o nosso povo e de fortalecer as crianças e de entender os nossos direitos. É sempre desafiador. A academia, o sistema, sair da nossa comunidade, ter que se deslocar num ambiente que não é fácil.

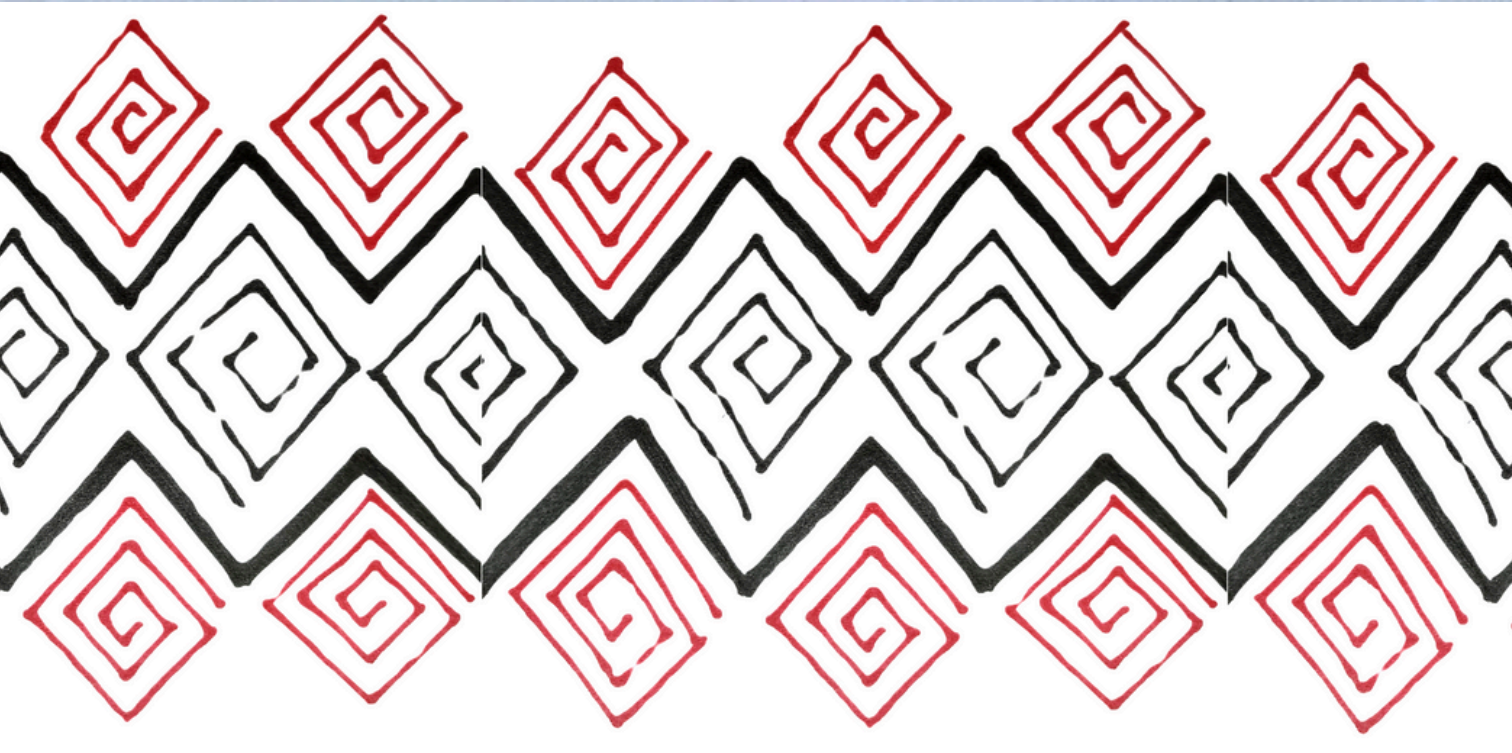







Maria: eu fui para a área da Educação e fiz pedagogia. Ah, o teatro... ele entra num momento em que éramos muito tímidos. Não tínhamos expressão. Falavam conosco e sumíamos ali, não queríamos aparecer. E eu tive essa dificuldade com as crianças: fomos nos apresentar, ensaiamos a música e começamos a olhar porque as crianças iriam cantar. Quando eu disse: “Olha as crianças vão cantar”, olhei para trás e percebi que estava sozinha. Então eu disse: “Meu Deus, está em mim”. Quando eu vi um curso pré-universitário em teatro pensei: “Vou fazer, é desafiador para mim, então eu vou fazer”. E eu achava que era algo simples: vou chegar lá e atuar e pronto. Só que é um processo bem longo. Aprendemos a diretriz de base, a improvisação, a expressão corporal, a expressão vocal, a metodologia, a escrita e vem a crítica teatral também. Tem a atuação do ator e eu disse: “Isso não é pra mim, é para gente que é doida, eu não vou fazer isso”. E o primeiro impacto é você chegar numa sala de aula e não ter cadeira, que é o tradicional, não ter uma cadeira ali para você sentar e eu ali com o caderno. Nossa, todo mundo no chão, rolando no chão. “Nossa eu vim para para rolar no chão, não acredito”. Quatro horas ali de expressão corporal em que você coloca seu sentimento, de emoção, de apaixonamento, de raiva... e tem que colocar tudo isso. E eu lá com a mesma cara, porque o papai disse assim: “Não chora na frente de ninguém”, “Não ri muito também”, “Mantém”. E essa foi a minha dificuldade maior também, além da escrita. “Maria Alice, raiva!”, e eu ali com aquela mesma cara; “Tristeza”, e eu com a mesma cara. Expressão corporal e facial não tinha. “E agora, o que que eu faço?”. E o primeiro impacto é você chegar e dizer que é a primeira indígena que vai se formar em teatro no estado.

“E por que você não ficou na tua aldeia ali com trinta alunos? O que você veio fazer na universidade?”. Nossa! Aquele dia, meu Deus... não acreditava que até ali existia esse tipo de crítica. “Ah, logo comigo!”. Não, eu estou numa universidade, eu fiz a matrícula e passei, porque ela não dizia que havia restrições. Ela é uma universidade, ela não dizia raça, cor, gênero, nada. “Então é por isso que eu estou aqui”. E havia um olhar diferente: “Não estamos lidando com a pessoa comum”. A princípio, os parentes que são mais jovens se retraem e ficam com vergonha, se sentem desprezados, discriminados e já saem. E ali foi um pontapé inicial dizendo: “Aqui eu vim, aqui eu vou ficar”. Não era o curso dos sonhos, mas eu estou fazendo desse curso um sonho a ser realizado. Como meu pai falou: “Eu não vi nenhum de vocês formado ainda”. Ele disse: “Não, não vai não minha filha”. Eu respondia: “Não pai, agora eu vou. Não fico aqui pai, eu vou ter que ir”, disse ao meu pai. Isso em 2019.



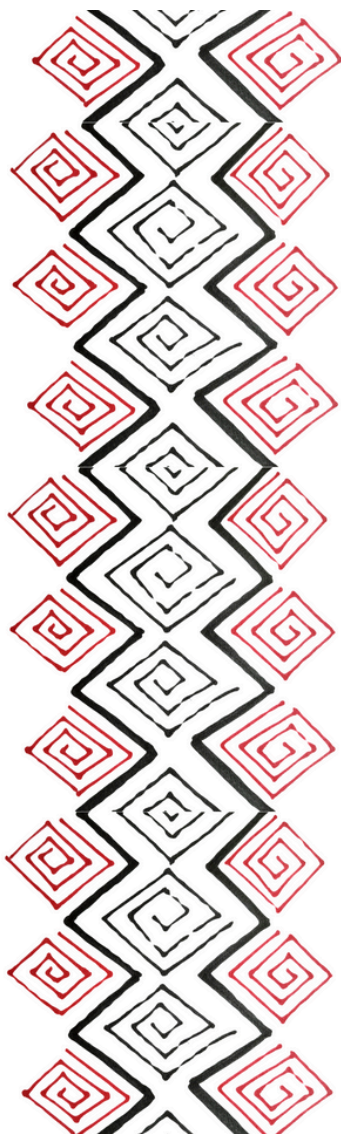
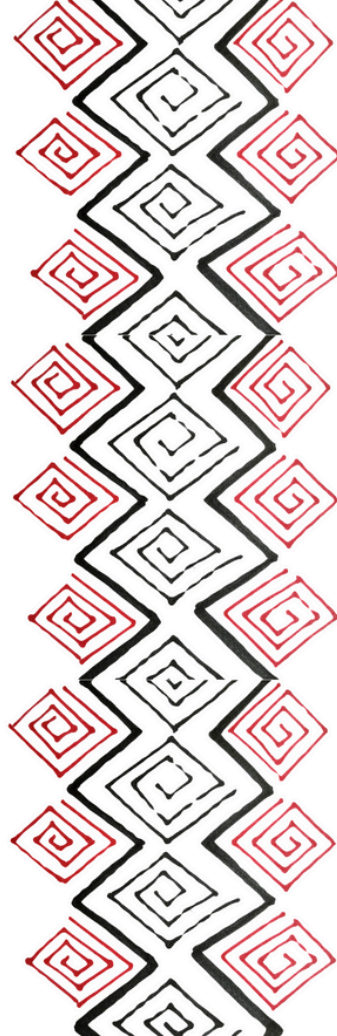


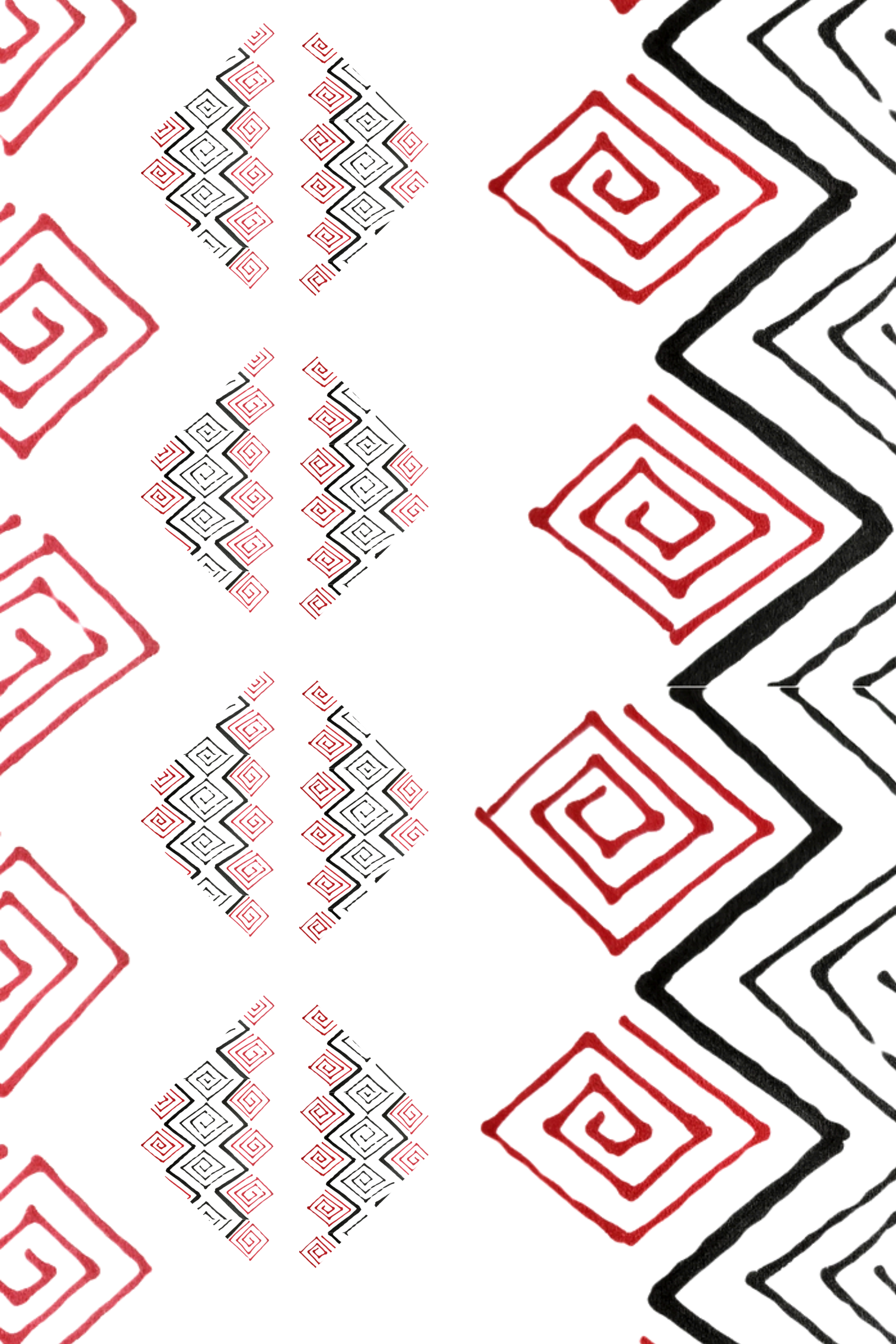
Passei para a universidade em 2020, logo veio a pandemia. Foi quando eu saí daqui para passar o dia todo na universidade. Saía às cinco da manhã e voltava às oito da noite, ficando distante deles. O desafio maior foi aprender com os professores. Uns abraçaram, outros não. Quando você se identifica como indígena, alguns te acolhem. Houve um acesso mais difícil para mim também. É o transporte, a Internet, os materiais. Os livros de teatro são bem raros também, e a maioria que tinha era em alemão, inglês e espanhol. As traduções, até mesmo na biblioteca da Universidade, são bem raras. Então, por mais que seja específico na unidade onde eu estou, às vezes só tem um exemplar, para ser usado por trinta alunos. Não tinha como, eu tinha que tirar xerox para poder fazer esses trabalhos.


Fui me fortalecendo, porque, a partir daí, pude entender o motivo pelo qual éramos tímidos. Outras etnias têm formas próprias de ensino e aprendizado através do canto, através das expressões, através dos desenhos, através dos símbolos. A gente aprende igual, ouvindo e vendo, e a partir daquele momento eu pude falar. São oito línguas faladas e dez povos no município de Manaus. Há necessidade de se respeitar nossa forma de aprendizado e de ensino aos nossos povos. Não há como ser padronizado, não pode ser. Então eu passei a colocar isso para os outros professores que estavam só assimilando o sistema regular. Se dizia que: “É para escrever dessa forma”, isso para todas as etnias... Entendo que não somos obrigados a aceitar o que o sistema está falando. Então eu fui colocando em prática minha visão. Muitos me diziam: “Você vai ser demitida assim”. Eu sempre respondia: “Não, eu não trabalho mais com professores, já não estou contratada há muito tempo”.

A partir daí vinha o momento da atuação. Agora Shakespeare, nossa! Nunca fui da realeza. A maioria pensa que é princesa, rainha, rei. Aí fui ler o livro [Romeu e Julieta], onde tem o Boticário [personagem que vende veneno a Romeu], para minha primeira atuação. Identifiquei-me com o Boticário de primeira. Porque eu era uma pessoa que tinha meus conhecimentos, das ervas e todos os outros. São os encantos da informação. Eu era desprezada pela sociedade. Porém, naquele momento me vi na figura do Boticário e fui fazer a interpretação do personagem.

Foi o que eu descobri: não foi o amor que matou Romeu, foi a ganância pelo poder, na época, que acabou o matando. Seus pais queriam o poder. Eu fiz a interpretação falando do Boticário, ele tinha uma casa que era bem simples, tinha só os animais e as ervas, e foi ali que Romeu foi buscar o veneno. Foi de pronto que fiz a atuação.



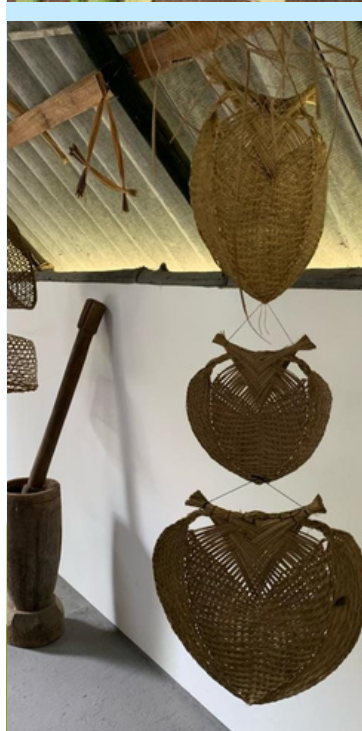
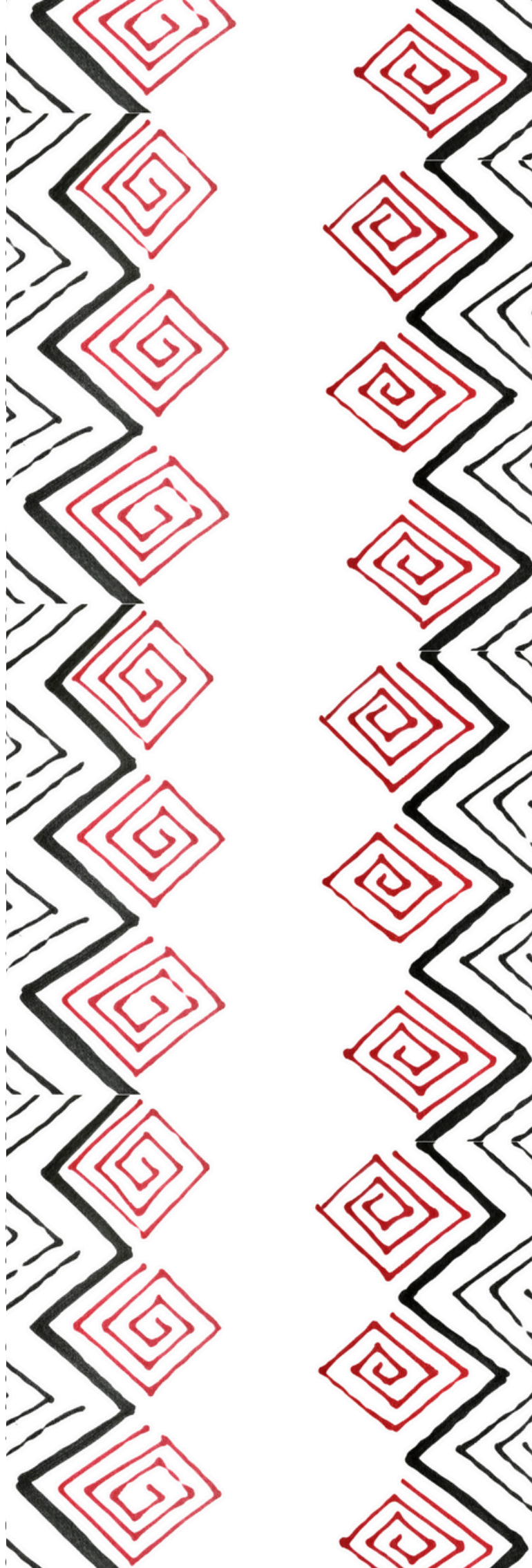


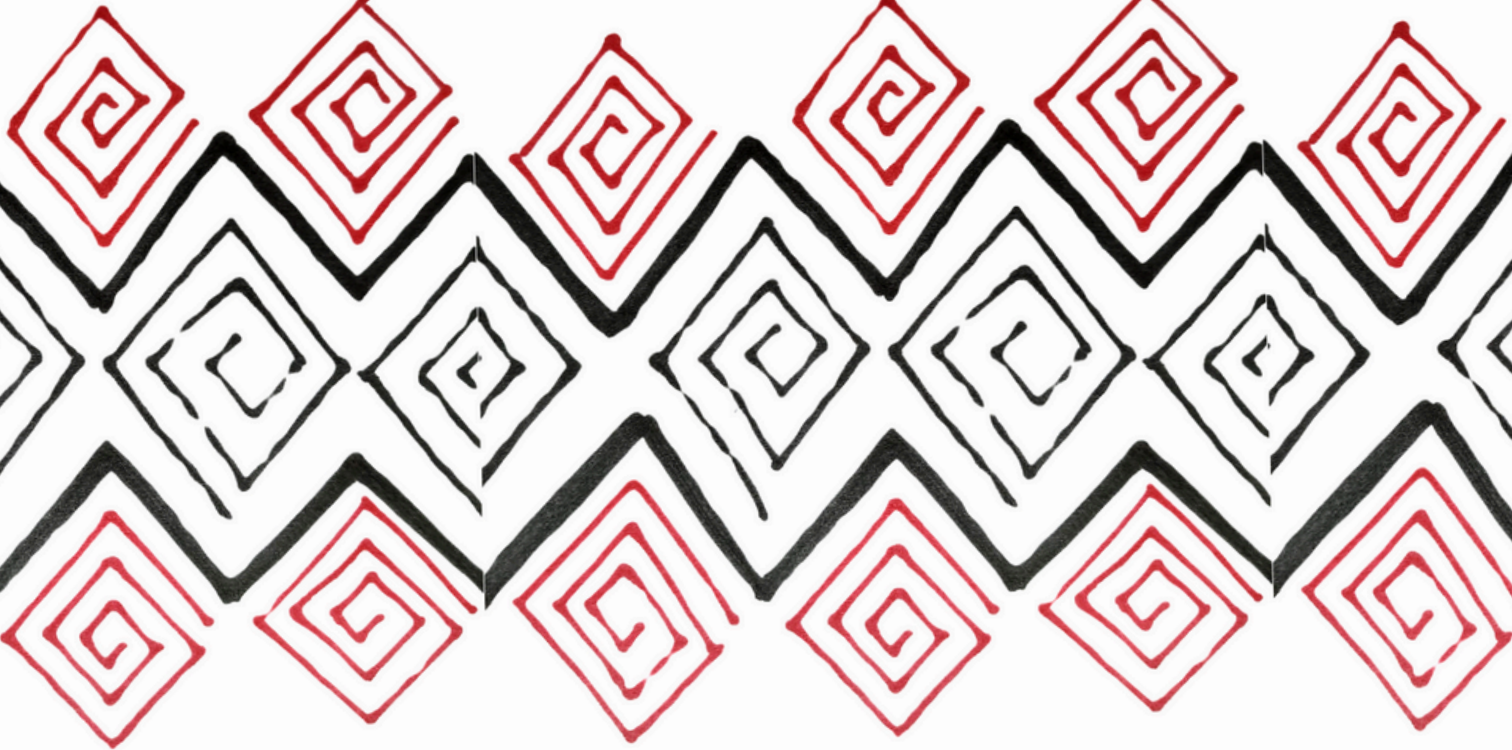


O teatro foi a área que sonhei para mim, que escolhi estar. E vou ser o que eu quiser: advogada ou juíza. Quando eu vi muitos alunos de Direito fazendo interpretação, também jornalistas, pessoas de várias outras áreas do conhecimento ali com a gente, percebi que posso ser o que eu quiser. A partir de então fui criando cenas. Criando e aprendendo a ser mais sensível. Aprendendo a atuar, aprendendo a falar, aprendendo a dizer: “Assim não, não é feito chorar diante das pessoas”. Também aprendi a me controlar mais. Eu, que era um pouco confrontadora, aprendi a controlar toda a emoção. Não era o que sonhara, mas foi se tornando um sonho.

Realizar o teatro na minha vida, como arte-educadora, serviu para fazer oficinas com crianças da educação infantil e do ensino fundamental. Trabalhei com crianças de cinco anos, que são bem sinceras. Eu fiz todas as dinâmicas, jogos de expressão corporal, como brincadeiras. Perguntava: “Vocês gostaram?”. Não tinha quem não gostasse. Os colocamos para se movimentarem, eles são agitados... “Então, vamos embora brincar!”. No final todos estavam cansados. Depois de uns três meses, eles disseram: “Tia, foi maravilhoso”. Tem toda essa leitura que nós fazemos com eles, com as crianças também. Para ver qual é a forma de aprendizado deles. Que não seja apenas a escrita, mas outras formas também.

Agora, o desafio desse semestre é com o ensino médio. Verei como é que vou me sair. Já passei pelo ensino de pintura e por um curso que foi finalizado em dezembro. Com o TCC vou trazer um pouco da educação Karapãna que aqui na região tem jogos no rio, jogos de brincadeiras na roça - que sobe nas árvores - é o trabalho de coordenação motora. As crianças Karapãna fazem naturalmente, subindo no galho, puxando, desenvolvendo todo o equilíbrio. Já com as crianças no ensino regular, temos que fazer em sala de aula. Às vezes tem uma invasão de um gatinho e vamos improvisando. Seguimos nessa luta de ser artista e educadora, fazendo apresentações. Eu tive duas apresentações no Pará e no Maranhão levando uma performance que é bem pequena, curta. Porém, no momento da pandemia, eu entendi porque todo mundo falava: “O teu pai se foi, a biblioteca viva dos conhecimentos se foi”. Eu cheguei no museu, olhei em volta e ali estavam todas as peças que ele fez. Ficou evidente que ali está um conhecimento que ele deixou. Na minha busca surgiu a performance, trazendo os elementos para a cena. Em sequência, compartilhar com todos um pouco do que nós temos, das nossas vivências aqui no entorno. E como aplicar todo esse conhecimento?









KELLEN NATALICE
VILHARVA
GUARANI KAIOWÁ



É sempre uma alegria compartilhar conhecimentos e experiências do meu povo. Venho conversar sobre “perceber-fazer floresta” [conceito proposto por Susana Oliveira Dias e que foi usado como inspiração para residência artística com o mesmo nome] e para a gente refletir sobre outras coisas. Meu nome é Kellen Natalice Vilharva, sou da etnia Guarani Kaiowá, meu nome indígena é Xamirĩ Hu’y Rendy, que significa flecha brilhante, flecha que brilha. Eu estou fazendo doutorado no Programa de Pós-graduação em Clínica Médica da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e meu orientador é o João Ernesto de Carvalho. Trabalhamos na linha de plantas medicinais.


Antes de tudo, gostaria de falar para vocês do meu povo, explicar que Guarani é uma nação muito grande, que tem vários subgrupos Guarani. Porque o povo Guarani está presente em vários países, não só no Brasil. Está no Paraguai, na Bolívia, na Argentina, no Brasil e em vários estados brasileiros. Eu sou do Mato Grosso do Sul, mas também tem Guarani no Paraná, em São Paulo, no litoral, no sul. Existem subdivisões dentro do Guarani: Guarani Nhandeva, Guarani Kaiowá e Guarani M'byá. A minha etnia é Guarani Kaiowá, eu vim do Mato Grosso do Sul. Existem 43 mil Guarani Kaiowá e Guarani Nhandeva.

No mapa vocês podem ver, mais ou menos, onde estão presentes os Guarani Kaiowá e Guarani Nhandeva. Eu gostaria de pontuar algumas diferenças entre Guarani Kaiowá e Guarani Nhandeva, porque meu pai é Guarani Nhandeva. Ele vem dessa região do cone sul, na divisa do Paraguai com Paraná, e minha mãe da aldeia Takuara, que é mais na região de Dourados e ela é Kaiowá. Desde pequena eu sempre estive nas aldeias de Guarani Nhandeva e Guarani Kaiowá. Eu cresci e tenho mais a aproximação com a cosmologia Guarani Kaiowá. Eu me considero Guarani Kaiowá, me apresento como Guarani Kaiowá.

Os Guarani Kaiowá possuem algumas características, como a habitação. Têm uma casa grande que chamamos de casa de reza ou casa grande e que em Kaiowá se chama de Ongusu. Os mais antigos, os mais velhos, se denominavam por Paĩ-tavyterã, quando eu vim para Unicamp me falaram que acontece com outras etnias também, mas hoje em dia se nomeiam Kaiowá. Os Guarani Kaiowá geralmente não usam cocar de penas.

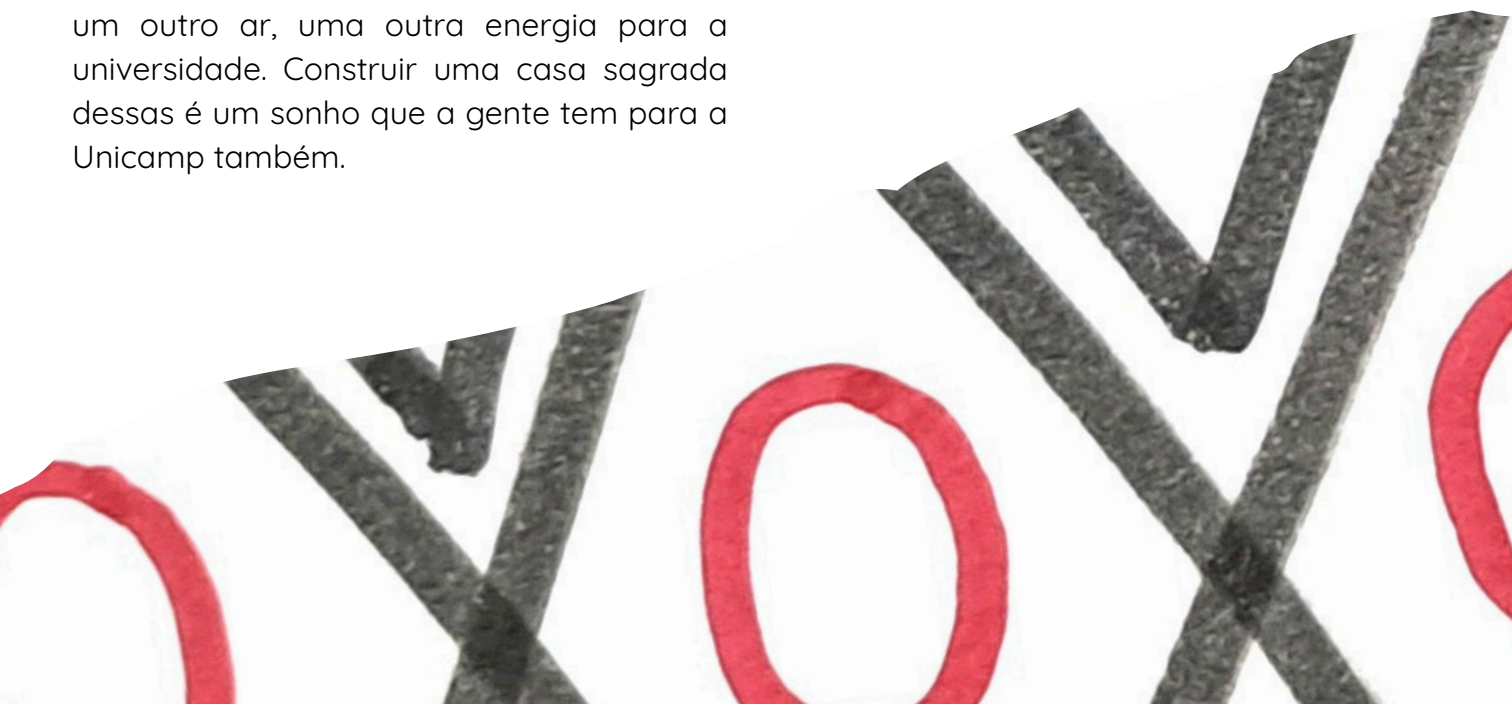


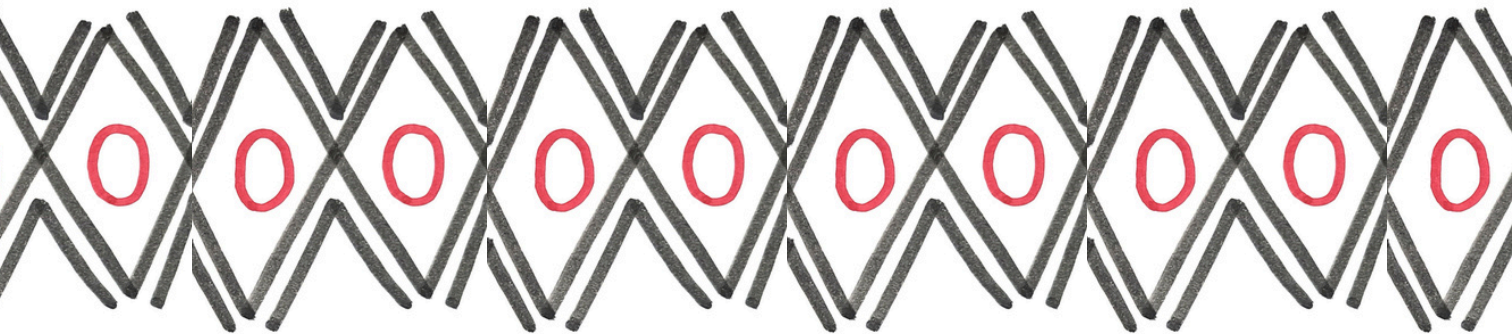
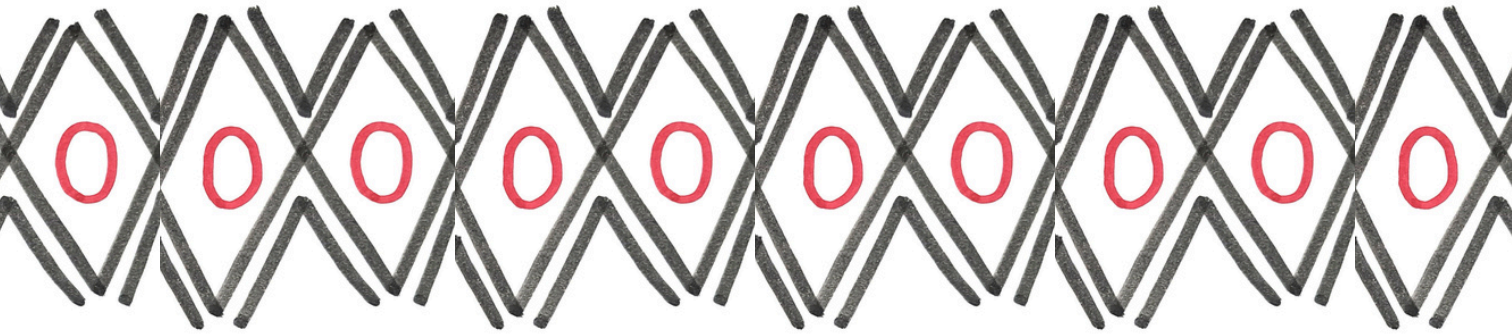





O cocar, os adornos, são feitos com algodão selvagem do cerrado. A região do Mato Grosso do Sul tem a mata atlântica e o cerrado. No cerrado tem uma espécie de algodão com a qual eram feitos esses adornos. Os adereços que chamamos de poty, que também pode ser traduzido como flor, é algo que enfeita, que embeleza. Então os cocares geralmente não eram feitos de pena. E Guarani Nhandeva significa “nós”, Nhandeva Kuera significa “nossa gente”. Essa é a etnia do meu pai. Os Guarani Nhandeva utilizam muito os cocares feitos de penas, igual a várias outras etnias. Eles não fazem aquele onguçu, a casa de reza ou a casa grande. A casa sagrada deles, onde fazem os rituais, geralmente é pequena, uma construção mais simples. Na Universidade de São Paulo (USP), tem uma lá no meio. Eu achei bem legal quando estive lá no ano passado. Aquele lugar dentro de uma faculdade deu um outro ar, uma outra energia para a universidade. Construir uma casa sagrada dessas é um sonho que a gente tem para a Unicamp também.

Os instrumentos utilizados são o mbaraka e o takuapu que é feito de bambu. O takuapu é um instrumento só de mulheres, que os homens não tocam. Já o mbaraka, hoje em dia, pode ser tocado tanto por homens quanto por mulheres. Nós possuímos um altar, no qual são feitos os rituais, os rezos, podendo estar dentro ou fora da casa grande. Para a pintura, se utiliza muito o urucum e o jenipapo. É muito apreciado dentro do meu povo, a alimentação, que é a caça, nas aldeias que ainda possuem animais. Importante destacar como é essa caça, sempre feita com muito equilíbrio, com muito respeito. Se considera que os animais, as plantas, possuem donos. Quando há alguma caça, se aproveita todas as partes do animal, não acontece nenhum desperdício. Mais para frente esse conceito será abordado na cosmologia.







Por exemplo, na minha etnia, jacaré é bastante apreciado, é saboroso. Da caça, se aproveita também o couro como remédio. Geralmente, as mães, quando o bebezinho está crescendo, ressecam o couro do jacaré e, no banho da criança, na água na qual o bebê vai tomar banho, colocam o couro do jacaré. Eu vi minha mãe fazendo isso para minha irmã, quando ela era bebezinha. Isso fortalece a criança, o espiritual e o físico também, assim a criança não adoece facilmente. E a minha irmã tem, justamente, esse perfil. Todas as partes do tatu são utilizadas, seja para enfeite, seja para fazer algum artesanato ou remédio. As gorduras dos animais são bastante utilizadas, como alguns insetos também. Já a larva branca do coqueiro serve como alimentação e, quando aquecida, produz um óleo que é bastante utilizado na cicatrização de feridas de pele e, também, para alguns tratamentos das vias respiratórias: como inflamação da garganta, bronquite e pneumonia. E o inseto broca-do-coqueiro (*Rhynchophorus palmarum*) foi objeto de pesquisa do meu mestrado, porque ele faz parte da cosmologia Guarani Kaiowá. Alguns animais e plantas fazem parte da nossa cosmologia. A broca-do-coqueiro (*Rhynchophorus palmarum*) faz parte da história do surgimento do mundo, do Sol e da Lua.

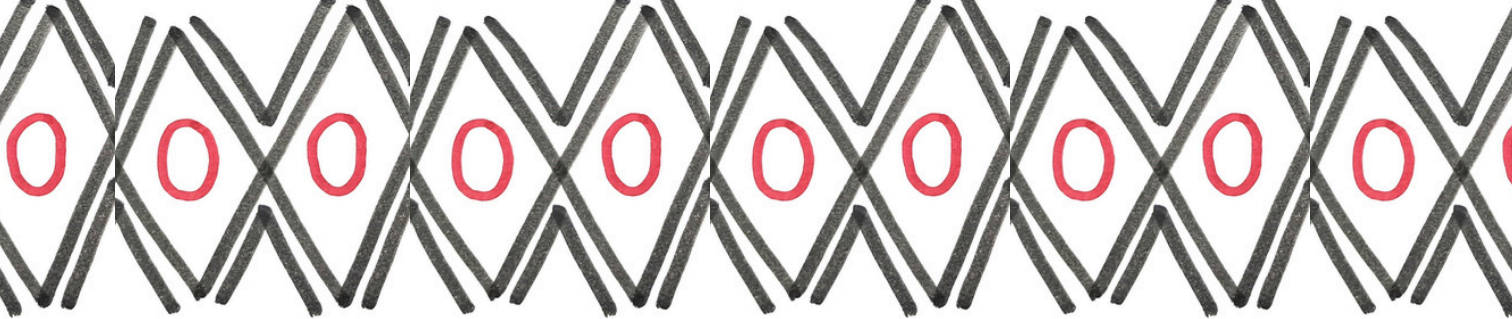
A gente gosta muito de milho e de mandioca também. Fazemos a mandioca de manhã, de tarde e à noite. Sinto muita falta aqui em Campinas. E é interessante como cada etnia possui um alimento que traz a lembrança da aldeia, como o açaí para os povos indígenas do Norte. Nós temos uma bebida tradicional, o xixa, que é feita de milho branco. O milho branco é sagrado para nós, o milho branco é uma entidade. Existe um ritual, um preparo para plantação, para colher e a celebração, que é feita com a aldeia toda e com outras aldeias. É o jerosy puku, que acontece todo ano. Um ritual bonito onde é celebrado por vários dias. Gostamos muito, também, do tereré e do chimarrão, e geralmente no chimarrão e no tereré colocamos alguma raiz que tem propriedade medicinal.

Vou falar um pouco agora da cosmologia dos Guarani Kaiowá e indico, para quem quiser aprofundar, um artigo do professor Eliel

Benites

[<https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/114322/64221>]. Ele é Kaiowá, lá da minha região e, inclusive, agora ele está no Ministério dos Povos Indígenas. Ele conseguiu escrever um artigo em português que eu achei sensacional.



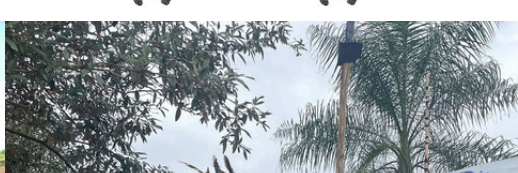
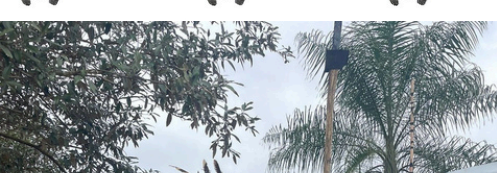
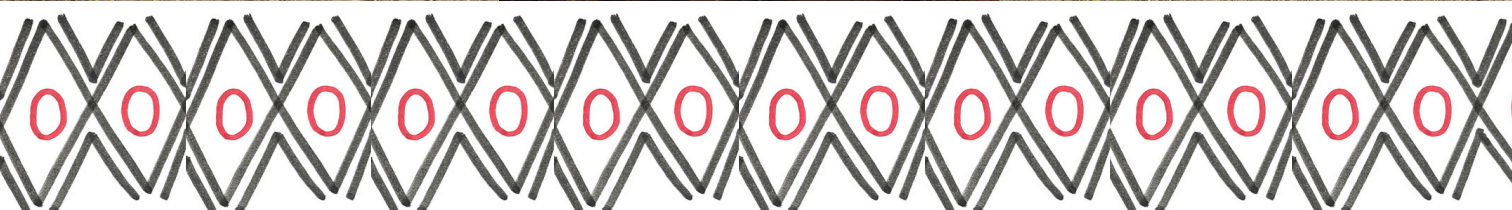
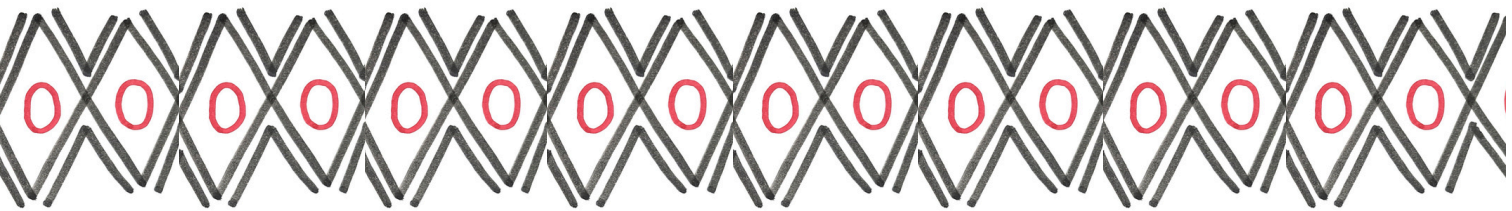


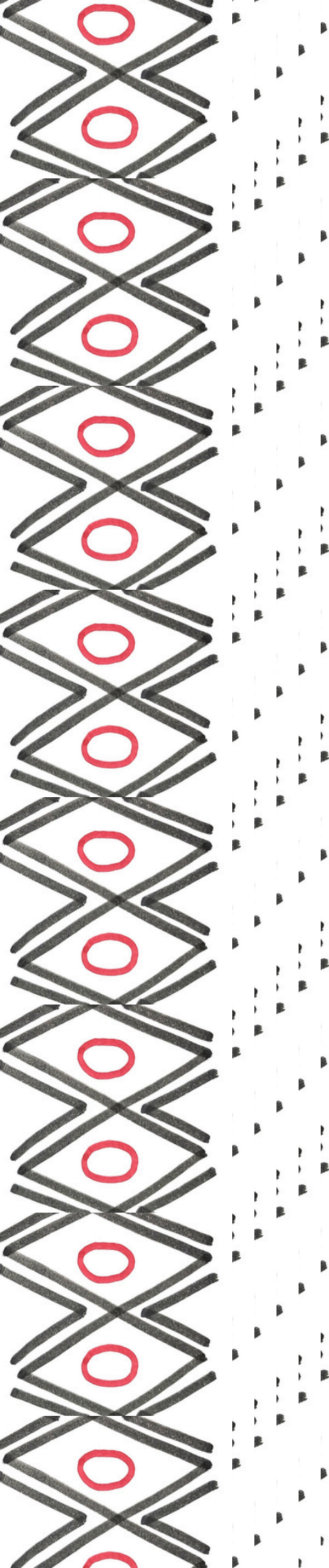
Às vezes é muito difícil tentar traduzir uma cosmologia, muitas coisas se perdem quando tentamos traduzir algo, mas da forma como ele aborda, conseguimos entender. Para nós, para a existência do povo Guarani Kaiowá, a sustentação é dada pelo caminhar: a grande caminhada que é expressada como o guata.

Eu acho que quando falamos do caminhar, do movimento, envolve tudo. Por exemplo, o caminhar da vida toda, nos diferentes caminhos que percorremos na nossa vida. O meu povo, que não é limitado, que tem bastante espaço, vive o movimento das mudanças de casa, que acabam acontecendo por algum motivo. As pessoas se mudam, vão mudando. E tudo que plantaram ali, deixam ali, se mudam e, assim, acabam restaurando o lugar. Existe também o movimento dinâmico do dia a dia, como quando a minha avó, ou as minhas tias, vão catar alguma planta, pescar, ou nos visitar. Por causa das escolas, do trabalho, do horário, do tempo, do relógio, esse dinamismo mudou um pouco. Minha avó nunca está parada. Ela está sempre se movimentando, cuidando das plantas, plantando alguma planta, plantando algum alimento. E eu acho que é isso, o dinâmico, o movimento, não só nosso, mas de tudo que está ao redor, de tudo que estamos fazendo e manuseando também.

Os meus pais sempre falam - minha mãe faz doutorado, meu pai acabou de terminar o mestrado, e eles são referências de escuta para mim, pois eu os escuto desde criança - que lá na minha região chamam muito os povos indígenas de preguiçosos, só porque não temos o mesmo conceito de tempo, não somos escravos do tempo, do relógio, da produtividade. Na aldeia é diferente, o tempo é diferente, o dinamismo é diferente, o movimento é diferente. Esse caminhar, esse mover, transitar, viajar, o guata, não é só físico, não é só um transitar aqui, ele vai além disso. E, nessa caminhada, o objetivo é a produção do ser. Para nós, quando falamos do ser é o teko, o nosso ser é o teko. Aí existe uma relação muito grande com as divindades. E existem, para nós, várias divindades como: o xiru, que são guardiões de maior potência; o teko jára, que são guardiões de menor potência. Para os Kaiowá as divindades sempre participam, elas são muito presentes. E o território, em nossas aldeias, se chama tekoha. E existe um território grande que é o tekoha guasu. Para nós é muito importante a conexão com os seres, os seres divinos, porque eles estruturam todo o tekoha. Quando falamos do tekoha, da aldeia, do território, não falamos somente do geográfico. A palavra tekoha é muito mais ampla. Dentro do tekoha estão as energias, os espíritos, os seres, os animais, as plantas, as divindades, as pessoas, e tudo mais.








Como eu falei, para nós, existem outros mundos e que estão acontecendo agora, nesse momento, e a gente não consegue enxergar, mas que os techakára, os ñandesys e ñanderus, conseguem. Certa vez me perguntaram: “Kellen, porque você acha que existem muitas lendas pro povo assim num geral?”. E eu falei: “como assim?”. Foi um professor que me perguntou, num evento lá numa aldeia do Mato Grosso do Sul. Ele falou para mim que existem vários outros seres aqui e agora que nós não conseguimos ver. Então ele disse: “muitas vezes esses seres conseguem transpassar para outro mundo, para outro patamar e aparece para alguma pessoa e assim vai nascendo alguma lenda”. E eu falei: “nossa, faz sentido”. Essas viagens ritualísticas entre os mundos só ñandesy e ñanderu que conseguem fazer.

E existem mundos que são tão perfeitos, que os ñandesy e ñanderu não têm vontade de voltar e, durante as viagens, podem acabar ficando nesses mundos, nesses outros mundos. Existe uma história lá na aldeia Panambizinho que existiu o ñanderu Chirukaraí que tinha muito poder, ele era um pajé, um xamã muito poderoso, que fez essas viagens e nunca mais voltou. E ele não foi sozinho, foi com toda a família dele. E onde ele morava se tornou um lugar sagrado agora, no qual todo mundo tem muito respeito. Portanto, cada ser vivo no tekoha, na aldeia, é o reflexo da força e da perfeição dos guardiões de caráter. Por isso, as árvores, os animais, os insetos, os humanos e todos os tipos de seres vivos são representantes do seu próprio guardião do seu mundo terreno.

Tudo isso mostra todo o respeito dos povos indígenas e a relação que possuem com a natureza, com as florestas e os animais.


O povo Guarani Kaiowá tem como objetivo alcançar a perfeição, assim como as divindades. Isso deveria ser alcançado no tekoha na aldeia. Por interferência do mundo, tudo é muito difícil e em vez de alcançarmos cada vez mais a perfeição no equilíbrio do mundo, estamos indo num caminho contrário. Isso é muito triste. Os ñandesy e ñanderu possuem o canto, o porahei, que seria a metalinguagem, com todos os guardiões, com todas as divindades, com todos os animais, com todas as plantas, seria a comunicação com tudo isso. Tanto os guardiões perfeitos e imperfeitos são compreendidos e, com isso, se comunicam para a manutenção do equilíbrio da terra e do universo.




Eles são presentes em todo momento na nossa vida Kaiowá, desde o batismo das crianças, até quando vamos nos tratar de alguma doença; sempre procuramos o ñandesy e ñanderu. Eles fazem uma reza primeiro, para entender o motivo daquela doença, se é física ou espiritual, se você desagradou algum ser, alguma divindade. Com o porahei, ele consegue entender o que está acontecendo. Através do porahei também que se fazem as plantações, as colheitas, é a metalinguagem que possibilita a comunicação que só os ñandesy e ñanderu conseguem.

Eu conheci uma menina no encontro de jovens - do qual participavam muitos juvenzinhos e adolescentes -, e ela está sendo treinada pelo ñanderu, o tio dela. Ela está se preparando para, quando for mais velha, fazer o mesmo papel de seu tio.

A vida não é como a sala de aula, não é uma faculdade onde você fica quatro ou cinco anos da sua vida, é uma vida inteira. Inclusive, essa é uma crítica que tenho dentro da minha área, saúde indígena, não existe um curso de 360 horas que vai te dar um certificado de xamã, de pajé. Eu fiquei muito surpresa quando vim para cá, para a cidade grande, e percebi como capitalizaram isso. Não indígenas estão fazendo rituais praticamente como recriação dos rituais indígenas e são feitas por não-indígenas. Então, eu fico pensando muito nisso. A menina que conheci está se preparando desde criança para conseguir atingir um certo nível e fazer um papel do tio dela. Outro jovem, Germano, também é um yvyraija, são jovens que estão se preparando para ser ñanderu ou ñandesy, ele acabou de se formar em geografia e está fazendo mestrado em geografia, é um jovem que está se preparando para isso.







O canto porahei foi criado no início do tempo, quando o ñanderuvusu, que é o nosso pai mais velho – traduzindo seria isso –, caminhava no cosmo fazendo alianças com diversos seres desconhecidos para compor o ára que conhecemos. O ára é esse tempo que nós conhecemos. Nessa comunicação original, criou-se o contato e o canto-reza pelo qual todos os seres dos cosmos são conectados. O meu povo tem uma preocupação muito grande com as doenças. Na pandemia perdemos vários ñandesy e ñanderu para a Covid e, assim, perdemos cantos e rezas. Como fica essa comunicação, esse equilíbrio, esse joia, que é a harmonia desse mundo? Como vai ficar?

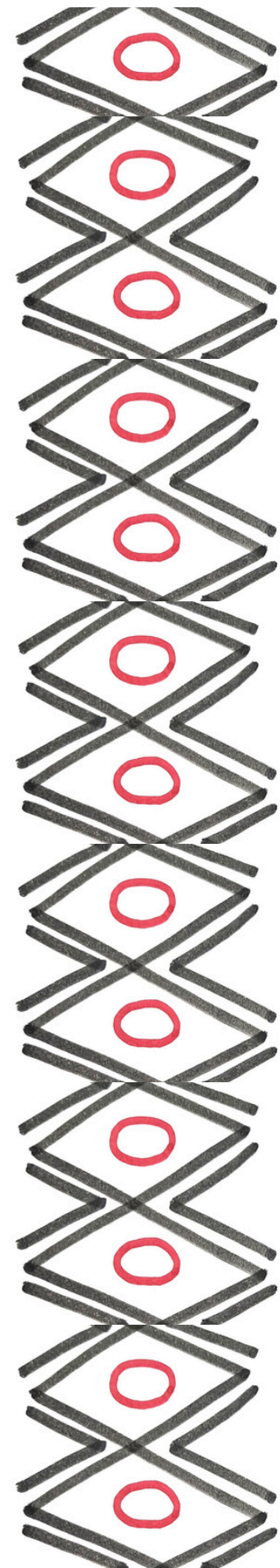
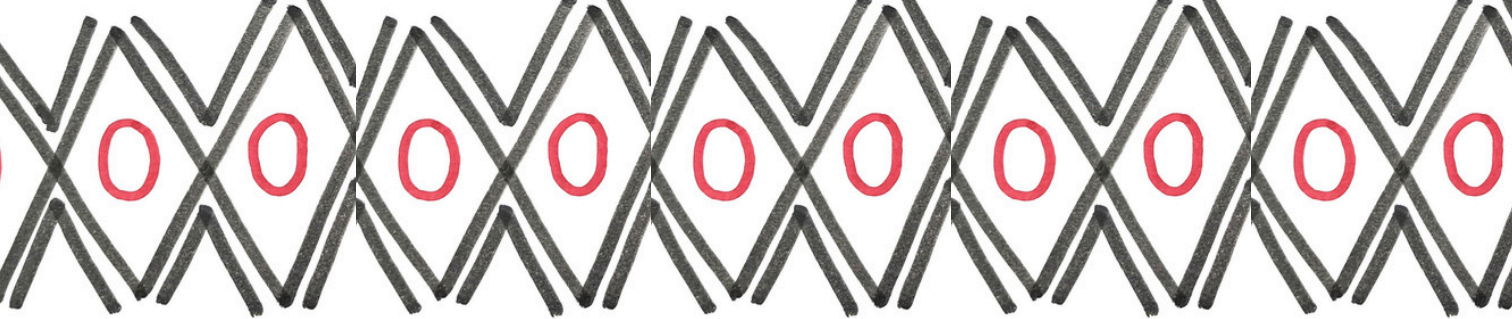
Hoje em dia essa metalinguagem, o porahei, é feito pelos ñandesy e ñanderu, que fazem esse diálogo com seres divinos, possibilitando a perfeição e equilíbrio do nosso mundo. Existem vários tipos de porahei. Os que são de celebração, que as crianças, eu, todas as pessoas podem cantar, que são poemas celebrando a vida, os animais, o dia a dia. E tem os que apenas ñandesy e ñanderu conseguem cantar. Muitos deles são recebidos através de sonhos, não é alguém que ensina. Eu trouxe tudo isso, a partir do artigo do professor Eliel, para pensar o “perceber-fazer floresta” com a cosmologia Kaiowá. Foi uma pincelada, porque para falar disso tem que ser na aldeia, tem que ser com os mais velhos, para vocês entenderem o que é o tekoha, a aldeia, que não é apenas o geográfico, o presente: é o presente, o passado e o futuro; é o espiritual, o físico e o biológico. Teko, para nós, é a busca por ser parecido com as divindades, e as divindades são perfeitas, possuem equilíbrio. Então é isso que deveríamos tentar fazer. Cada vez estamos nos distanciando de tudo isso porque o mundo vem com o dinheiro, com essa ideia de que os seres do mundo são superiores aos outros seres. Esse é um caminho totalmente contrário ao que o povo Kaiowá faz, que pretende fazer e atingir como ser humano.



ATY KAIOWÁ (KAJ)
**ASSEMBLÉIA DA JUVENTUDE
GUARANI KAIOWÁ**

SSA I
estratégias de
luta dos jovens
GUARANI KAIOWÁ
Luini / Marcos


ENCONTROS DA JUVENTUDE
GUARANI / KAIOWÁ
15-2021
ESCOLA TOMASINI MARGAS



E falando um pouco de “perceber-fazer floresta”, eu acho muito interessante falar de sementes. Eu estou lendo alguns artigos, algumas dissertações e teses, e achei essa do professor Anastácio [Peralta]. O professor Anastácio é da minha região e ele escreveu essa dissertação de forma incrível, recomendo muito. Ele fala das sementes, que as sementes são seres vivos, cheios de vida, cheios de segredos e cheios do sagrado. Ele fala: “entendemos que os seres humanos têm espíritos e as sementes também, e é por isso que elas nos fortalecem e nos possibilitam a existência. Assim as sementes têm alma e dono, e a força e o espírito delas se manifestam através das rezas. Quando rezamos, os donos das sementes vêm nos abençoar, sem eles nós não vivemos. São os jaras, os donos. Para nós tudo tem dono, as plantas e os animais, quando retiramos algo ou fazemos alguma coisa é sempre com muito respeito. Anastácio ainda diz das sementes que “trazem saúde e vida para nós desde criança até ficarmos velhos. Por isso a importância de cultivá-las para termos alimentos saudáveis, tais como mbojape (milho assado), pamonha, mandioca. Esses alimentos tradicionais, gerados a partir das sementes, fazem com que tenhamos saúde e alegria”.

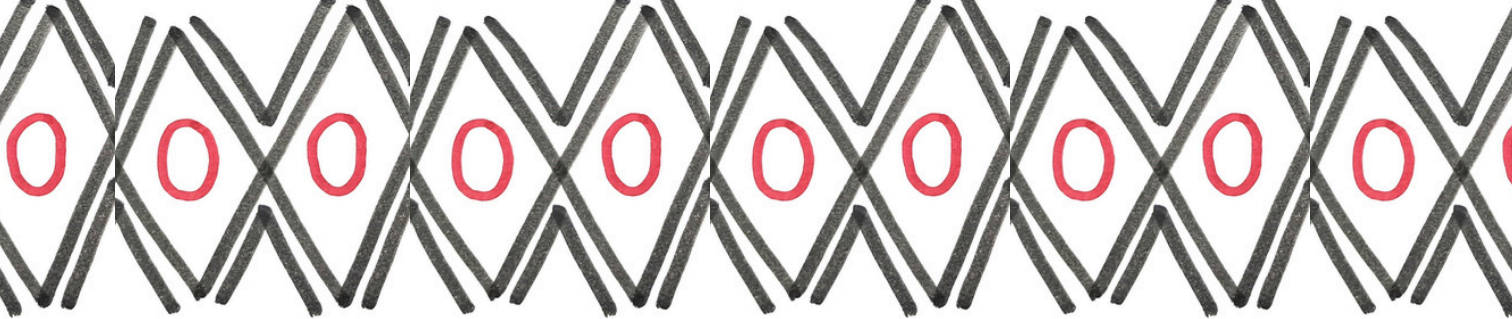
O tema dessa dissertação eu também achei incrível: “Tecnologias espirituais: reza, roça e sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani”. Nela, Anastácio apresenta várias tecnologias, inclusive espirituais. Incrível que ele conseguiu trazer o povo Kaiowá para o português, dentro de uma dissertação e mostrou que, para nós, as sementes, os animais, as plantas, a maioria dos seres, possuem alma, possuem dono, possuem espírito e força. Para nós, as sementes são consideradas presente dos ñandejara, nesse mundo que estamos vivendo e que eles possuem uma “tecnologia espiritual capaz de morrer e renascer, gerando frutos que nos sacia a fome, alimentando a mãe terra e demais espécies da natureza, além de nos fortalecer espiritualmente como povo indígena”.





Existem algumas árvores para nós que são sagradas, como o cedro, o cedro rosa (*Cedrela fissilis*). O cedro é considerado uma entidade para nós. As plantas, as árvores, são como uma entidade no nosso meio, por isso temos um respeito muito grande por elas. E, como eu falei, existe toda essa cosmologia do povo Kaiowá, que eu acredito ser semelhante a outros povos indígenas. Quanto mais eu vou me aproximando de outras etnias aqui na Unicamp, quando temos essa oportunidade, todos nós temos uma riqueza de etnia. Nas conversas e no dia a dia vamos percebendo essas semelhanças entre os povos indígenas. E essas semelhanças são tão bonitas quando se trata da natureza, desse respeito, desse equilíbrio, que temos nas aldeias e que devem vir para fora das aldeias também. Esse respeito tem que vir para o nosso meio, porque faz parte da nossa saúde, não só física, mas espiritual e mental. “Perceber-fazer floresta” para os Kaiowás é tudo isso. E que possamos ter outras oportunidades para ampliar esse conhecimento. Por isso temos essa relação de respeito, de equilíbrio, de proteção com a natureza. E o capitalismo está indo pelo caminho contrário, pelo tape, que ocasiona a destruição das florestas, dos rios, a poluição. Algo que sempre lembro é minha avó falando que tudo tem dono: mas que ser vai estar no meio disso? Se nem a gente gosta de estar no meio de algo sujo, de algo imundo, de algo fedido... os outros seres também não. Então, aquele ser que está ali, que habita ali, ele vai embora e nós não o sentimos mais.

Eu senti um conflito muito grande quando vim para cá [Campinas], numa época da minha vida, no ano passado, que parecia que eu não sentia conexão com nada. Isso me assustou bastante, me deu uma crise. O ayahuasca não é do meu povo, mas surgiu uma oportunidade no encontro nacional de estudantes indígenas e, como era um ritual dirigido pelo Álvaro Tukano, decidi participar e aquela crise terminou. Porque agora, mesmo que não esteja sentindo, sei que está presente aqui também. Tem lugares em que eu posso fazer uma conexão com meu povo. Encontrei um parque ecológico aqui do lado da minha casa, no bairro que eu estou, e foi muito bom para mim, foi um lugar que eu gosto muito de ir. Conversando com a professora Susana [Oliveira Dias] vemos como é importante esses lugares que têm resquício de mata dentro das áreas urbanas. Para mim, aquele parque é incrível, e estou bem preocupada se em Recife vou achar um parque em que eu também possa ir fazer uma caminhada, que eu possa encontrar com alguns animais, algumas árvores... Foi o que me salvou muito aqui em Barão Geraldo.




Eu falei de tudo isso porque quando falamos alguma coisa do povo indígena, não tem como separar. Eu vim falar só sobre meio ambiente, só sobre minha pesquisa... porque conhecimento tradicional, o modo de ser indígena, o modo de ser do Kaiowá é isso, a junção de tudo, é o equilíbrio de tudo, o diálogo entre todas as áreas. Minhas referências são as minhas avós e minhas tias. Uma das minhas avós é ñandesy, ela conhece as plantas medicinais, as rezas e os cantos para cura das doenças e é uma das pessoas que me influenciam a ir neste caminho da pesquisa, que é a etnofarmacologia. A etnofarmacologia estuda os animais, os minerais e as plantas que possuem propriedades medicinais que são utilizadas por algum povo tradicional.

A academia é muito falha, ela gosta de aceitar partes do conhecimento tradicional indígena, dividem, e ali dão algo como se precisassem ser validados e se esquecem de outros. E a partir do meu mestrado, quando fui trabalhar com o inseto broca-do-coqueiro (*Rhynchophorus palmarum*), usado na medicina tradicional indígena, eu comecei a falar: se vamos fazer ensaios biológicos, temos que escrever que esse inseto faz parte da cosmologia do meu povo, que ele faz parte da história, ele tem um papel importante, não só as propriedades químicas e físicas. E no meu mestrado, eu fiz a coleta na aldeia da minha avó, junto com minha avó e minha mãe, e quando eu fui fazer a coleta desse inseto, a minha avó disse: “você não pode tocar nesse inseto, porque você é solteira e você não tem filhos”.

Em nosso povo existem regras. Como esse animal tem donos, tem toda uma regra e você não vai lá e coleta de qualquer jeito, faz de qualquer jeito. É um remédio que é feito pelas mães e eu não sou mãe. E minha avó disse: “Isso pode trazer consequências para você, então eu vou precisar fazer um canto e uma reza por você para ir lá na mata e coletar, manusear no seu laboratório sem que haja consequências.” Eu tinha gravado, mas perdi esse vídeo da minha avó fazendo essa reza, antes da gente entrar no mato para fazer a coleta da espécie. Para vocês terem ideia da minha pesquisa, antes mesmo de chegar no laboratório, antes mesmo de começar os experimentos, lá na coleta já existe um respeito, já existe um pensamento. Quando eu fui retirar, pedi permissão para trabalhar com esse inseto. No meu mestrado, eu falei para vocês lá no início que ele é um alimento, e vimos o que ele tem na sua composição química. Ele tem o ômega-6, ômega-7, ômega-9, e esses ômegas são importantes para as vias de inflamação do nosso corpo.

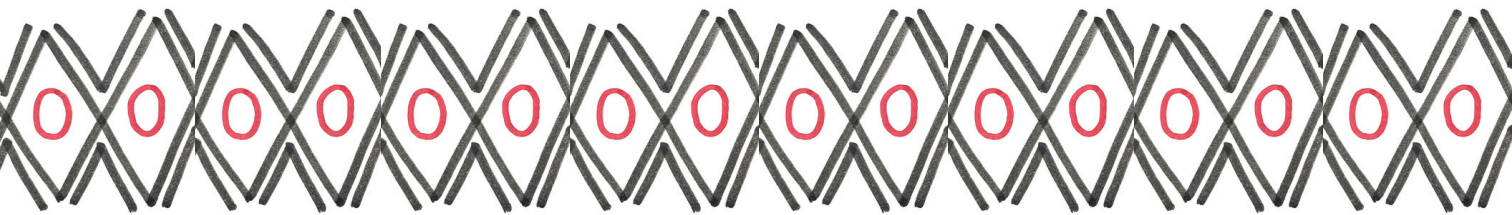







E utilizamos esse óleo, essa é a cor dele mesmo, eu tirei o óleo e coloquei no tubo falcon. E ele tem um cheiro muito bom, um cheiro que surpreendeu todo mundo do laboratório, porque quando eu levava as pessoas comentavam: “nossa que cheiro bom, o que é isso aí?”. Olhavam para a larva do inseto e reagiam: “Ah, que nojo!”. Como utilizamos na cicatrização de feridas, fizemos um ensaio para ver se o inseto promovia a migração de fibroblastos, que essa é uma das fases da cicatrização de pele: a migração de fibroblastos para região que está ferida. E ele aumentou essa migração e foi em células, in vitro, 60% a mais do que as células que não foram tratadas com óleo. Óbvio que não teve efeitos tóxicos, porque o povo Kaiowá faz ingestão do óleo e das larvas há séculos, mas para publicação tínhamos que ver se havia algum efeito tóxico, mas não ocorreu.

Eu publiquei esse artigo [<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33914744/>], numa revista internacional e, nos agradecimentos, agradei às minhas avós, à Júlia e à Agostinha, que representavam todas as mulheres indígenas que compartilham seus conhecimentos com suas netas. Nos textos complementares disponibilizei a lenda, a história, sobre como esse inseto é importante para os Kaiowá na história da criação do mundo, do Sol e da Lua.



O meu papel tem sido esse, unir esses conhecimentos, essas ciências: as que eu trago do meu povo, da minha família, com os conhecimentos dos laboratórios. Tem sido um desafio, porque as Universidades ainda, infelizmente, só aceitam partes do nosso conhecimento. Aceitam o ensaio biológico, os gráficos, os resultados positivos, negativos, mas se esquecem que aquela planta, aquele animal, aquele “objeto” de pesquisa não é um simples objeto de pesquisa, ele tem o porquê, ele tem dono, tem papel, e é o caso do cedro. Eu escolhi o cedro, porque o cedro é sagrado para o meu povo, ele é uma entidade na Terra. E, assim, a estratégia que desenvolvi junto com meu orientador – ele é incrível, maravilhoso, respeita tudo isso que estou trazendo para vocês e eu expliquei para ele porque queria o cedro – foi pesquisar muitos compostos que estão na folha e na casca. Usamos a folha e a casca na medicina tradicional Guarani Kaiowá, e elas possuem potencial anticâncer, que já aparece em pré-estudos e não foi aprofundado. No meu doutorado eu estou fazendo isso, pegando as folhas e as cascas do cedro e vendo se ele tem algum efeito sobre alguma linhagem de câncer que temos no laboratório.



Quero explicar o porquê do cedro ser sagrado na mitologia dos Guarani Kaiowá. Ele é uma árvore que traz paz de espírito. É utilizado na medicina tradicional para banho e tem esse poder de trazer renovação espiritual. Dele fazemos um assento [banco], o apyka que fica dentro das casas de reza. É utilizado no batismo de crianças quando vai se dar um nome indígena, é usado no batismo da casa grande. E os Guarani Kaiowá gostam de plantar um cedro no quintal, porque ele vai trazer paz naquele ambiente. O livro Pohã Nãñã, um livro da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) - eu também faço parte da equipe de pesquisa desde 2021 -, fala sobre o cedro. Na medicina tradicional usamos para gripe, dor e febre, e também para as energias do corpo.

Quando eu fui fazer a coleta, também fui com as rezas e o respeito que se deve ter. A minha avó sempre comigo, a minha mãe e as minhas tias também. E a coleta fiz lá em Dourados. As cascas e as folhas do cedro eu trouxe aqui para Unicamp.

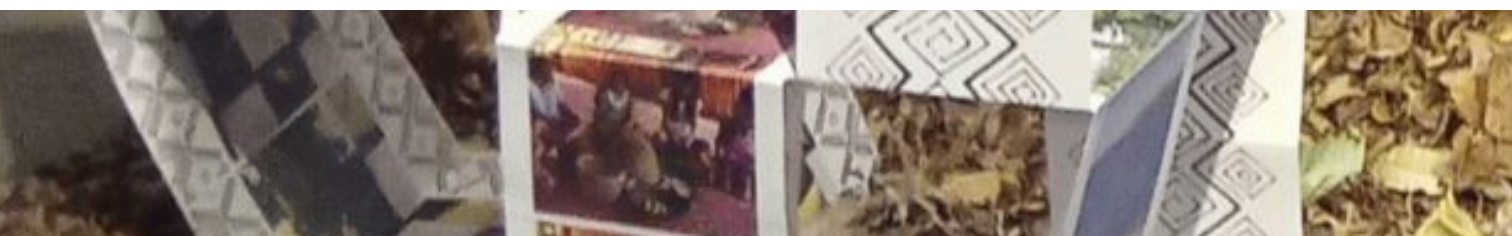
Acho que é muito importante, quando falamos do conhecimento tradicional, dos povos indígenas e pensa em tudo que está acontecendo no cenário político, que apresenta o contrário de toda essa beleza, de toda essa riqueza, que eu vim mostrar para vocês. É muito importante darmos esse apoio político aos povos indígenas, vocês podem acompanhar a Aty Guasu [<https://www.instagram.com/atyguasu/?hl=es>], que é a assembleia, o conselho do meu povo; a Apib [<https://apiboficial.org/>], a Coiab [<https://coiab.org.br/>], a Arpin Sudeste [<https://www.instagram.com/arpinsudeste/>]. Deixo o meu e-mail kellenatalice@outlook.com, meu Instagram kellen_guaranikaiowa para vocês também, para quem quiser acompanhar, e agradecer pela oportunidade de falar um pouquinho.

“Agwyjete”, que é obrigada para o povo Kaiowá.



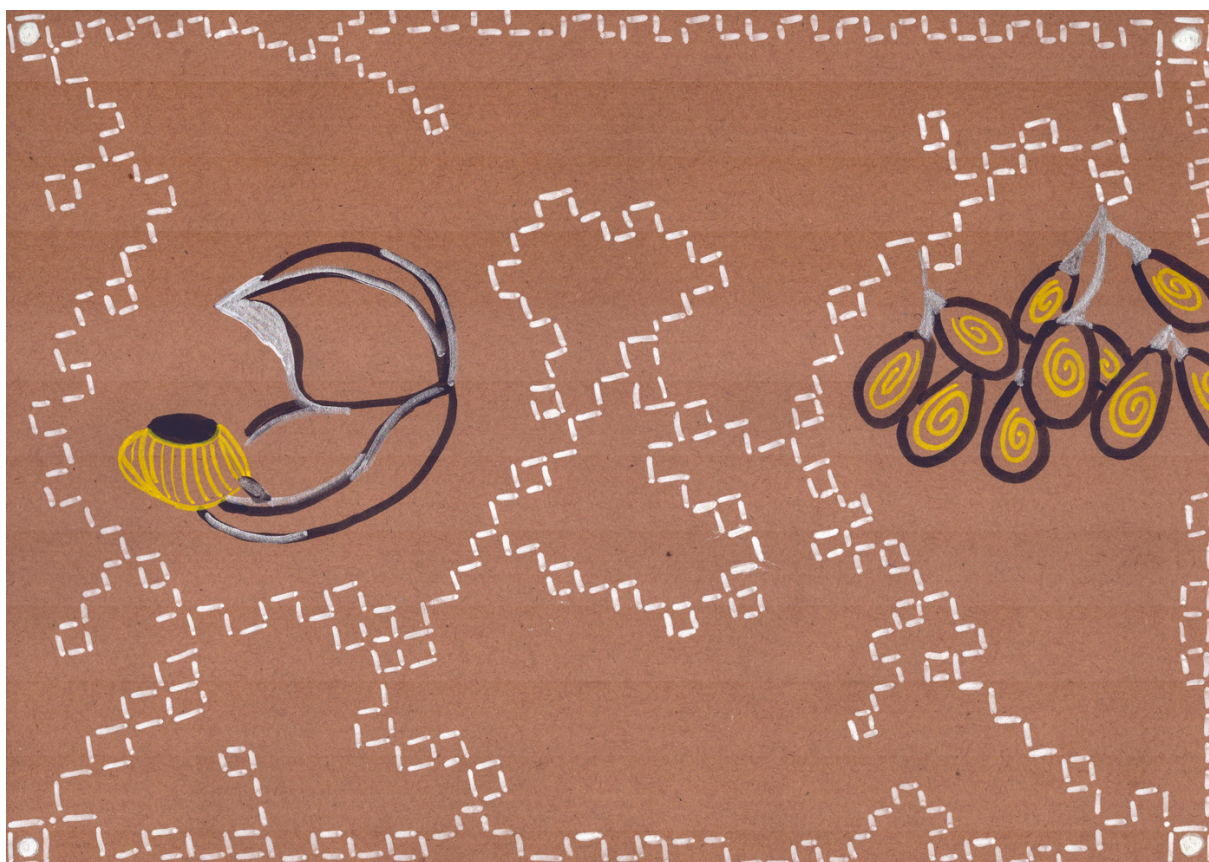


criações com a
Copaíba, o Tucumã
e o Cedro-Rosa





COPAÍBA
ZAYMPEREIRA



COPAÍBA
LARISSA BELLINI



COPAÍBA
VALÉRIA SCORNAIENCHI



COPAÍBA
RAYANE BARBOSA KAINGANG



COPAÍBA
SUSANA DIAS



COPAÍBA
EMANUELY MIRANDA

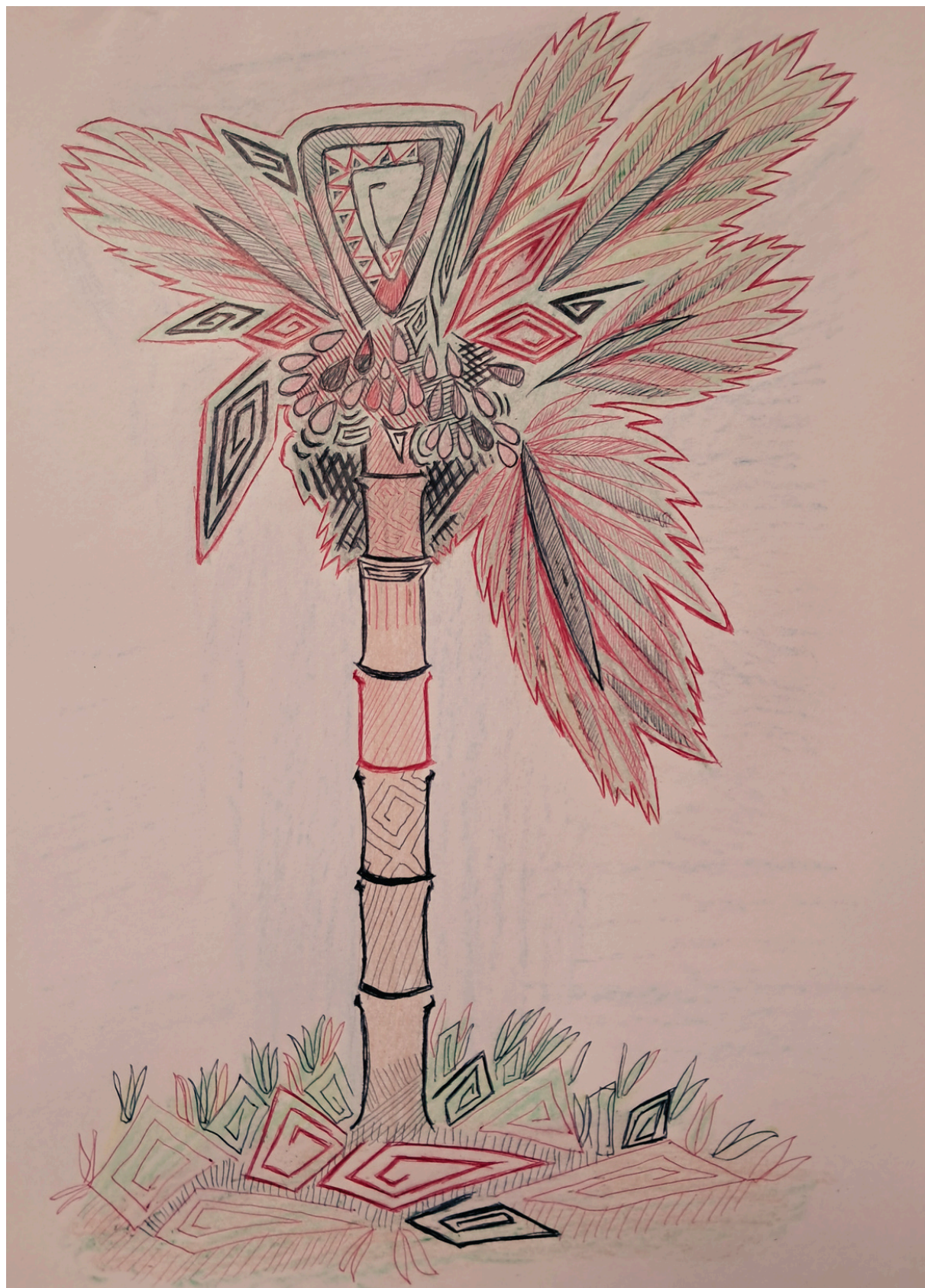


Thayany
& Mendes

COPAÍBA
THAYANY AMAZONENSE



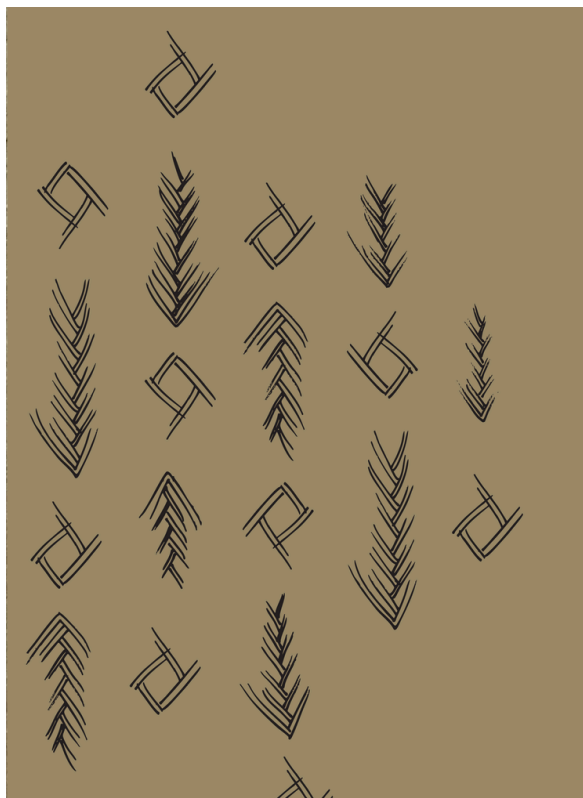
COPAÍBA
GABRIEL D. GRUBER



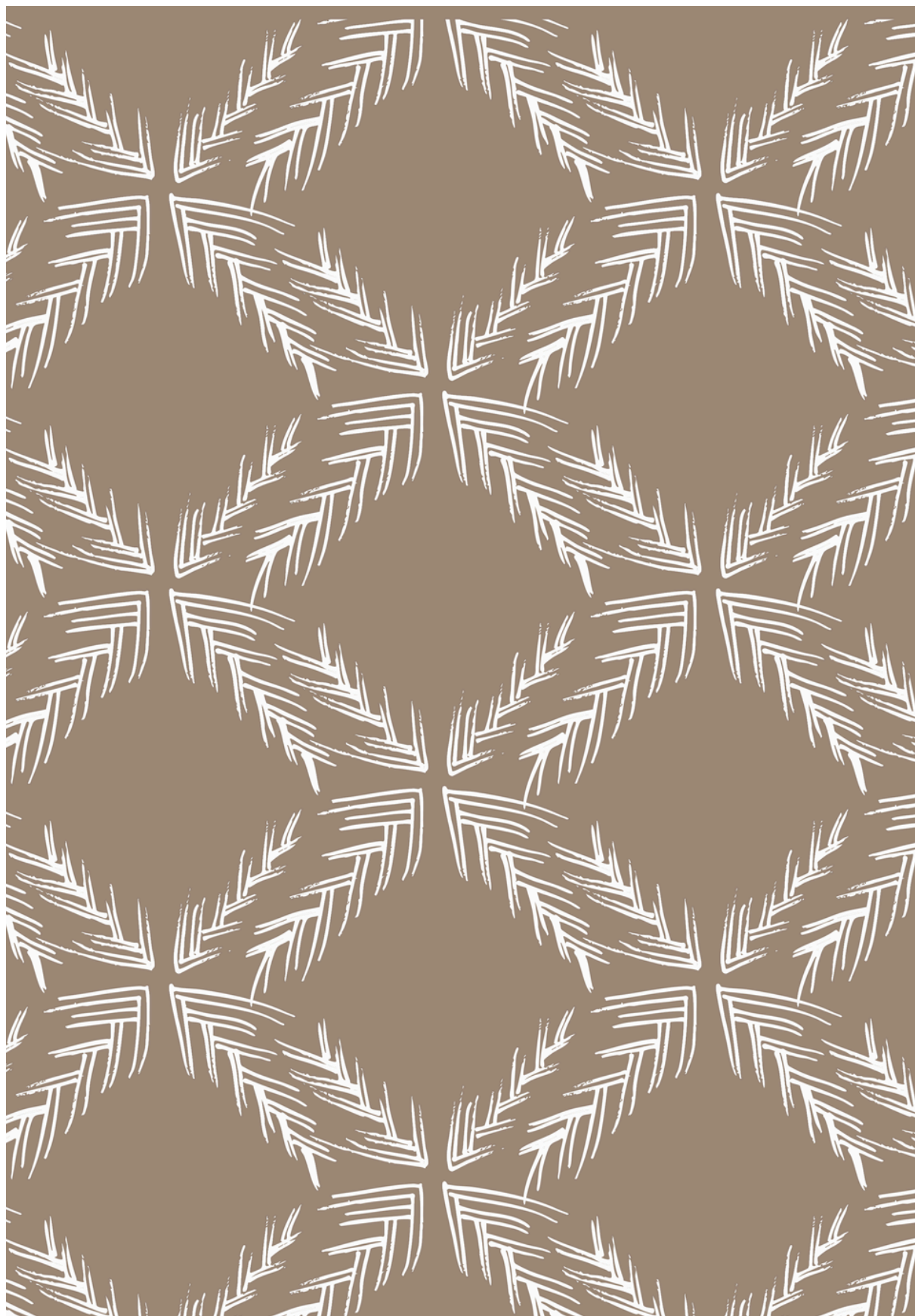
TUCUMÃ
NATANI DA SILVA



TUCUMÃ
VALÉRIA SCORNAIENCHI



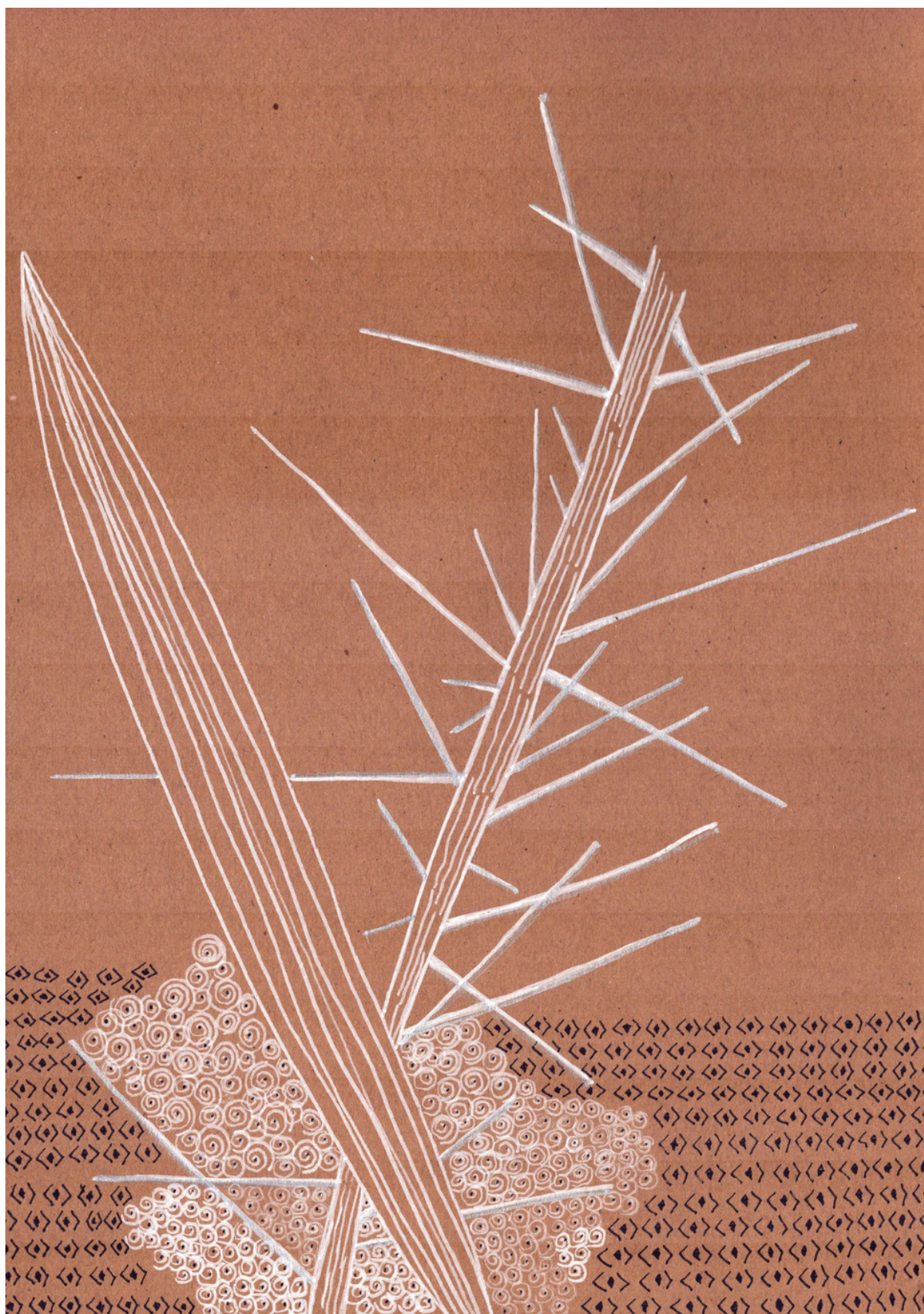
TUCUMĂ
MURIEL SCARNICHIA



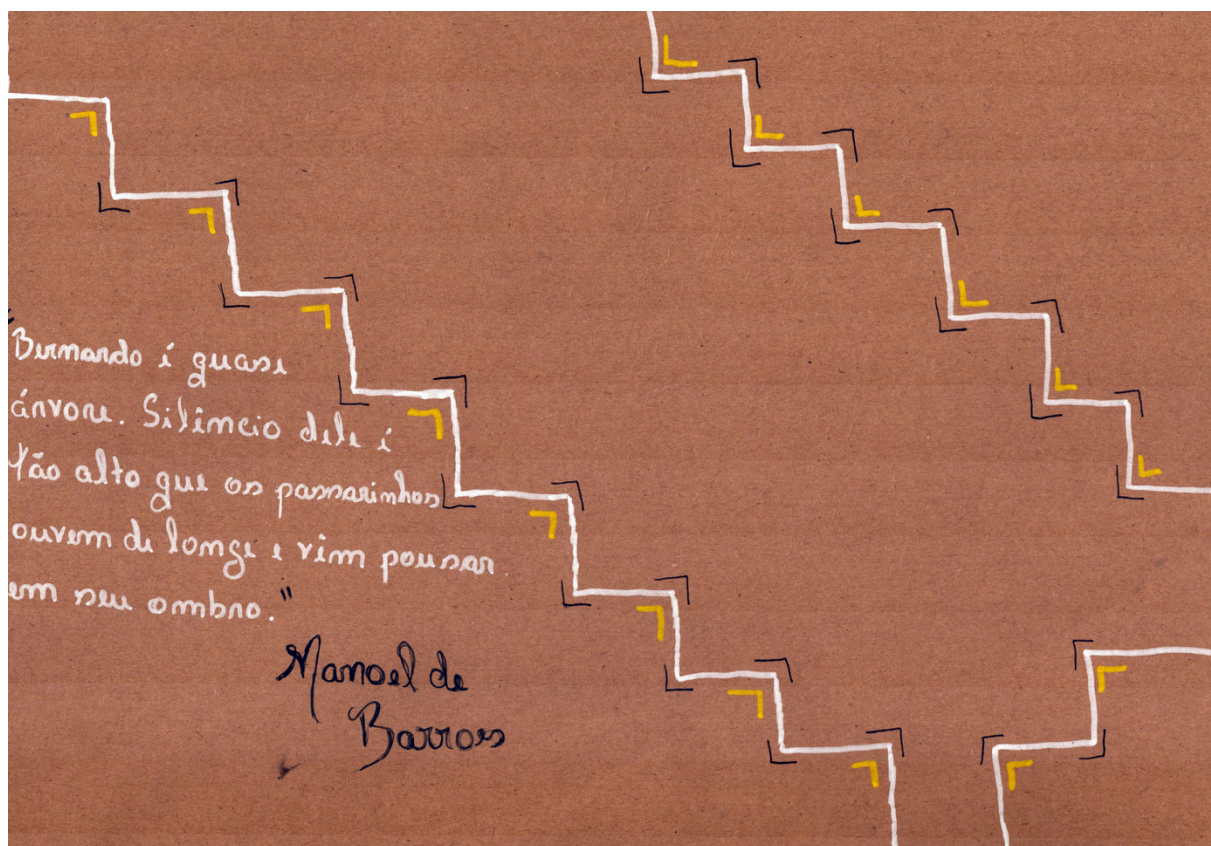
TUCUMĂ
MURIEL SCARNICHIA



TUCUMÃ
LARISSA BELLINI



TUCUMÃ
SUSANA DIAS



TUCUMÃ
EMANUELY MIRANDA



TUCUMÃ
THAYANY AMAZONENSE



CEDRO-ROSA
VALÉRIA SCORNAIENCHI



CEDRO-ROSA
GLAUCCO ROBERTO SILVA



CEDRO-ROSA
GLAUCCO ROBERTO SILVA



CEDRO-ROSA
MURIEL SCARNICHIA



CEDRO-ROSA
ZAYMPEREIRA



CEDRO-ROSA
SUSANA DIAS



CEDRO-ROSA
LARISSA BELLINI



GLOSSÁRIO

Aiuri — trabalho coletivo, tarefas comunitárias.

Anumarehit — (em sateré-mawé) guerreiro.

Apykasawá — cadeira, assento.

Araká — espécie de chocalho de cabaça e sementes específicas, confeccionado e usado por homens (os takuapu são usados por mulheres). São instrumentos musicais sagrados utilizados pelos rezadores.

Atu wasu — grande assembleia.

Ayahuasca — (também conhecida como hoasca, daime, iagê ou santo-daime) é uma bebida enteógena produzida a partir da infusão do cipó Mariri (*Banisteriopsis caapi*) com outras plantas, em particular folhas de Chacrona (*Psychotria viridis*). Ambas são nativas da região Amazônica.

Bacaba (Wakawá) — palmeira nativa da Amazônia, tem fruto de sabor adocicado.


Balata — látex de uma árvore sapotácea denominada balateira ou maparajuba. É semelhante ao látex da seringueira.

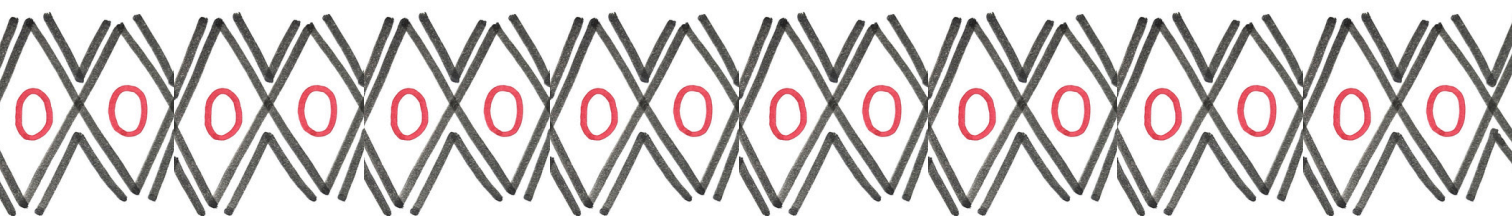
Etnias do Rio Uaupés (afluente do rio Negro, sua foz está perto de São Gabriel da Cachoeira) — Arapaso, Bará, Baré, Barasana, Desana, Karapãna, Kotiria, Kubeo, Makuna, Miriti-tapuya, Pira-tapuya, Siriano, Tariana, Tarumã, Tukano, Tuyuka, Tatuyo, Taiwano, Yuruti (as três últimas habitam só na Colômbia).

Guarani Ñandeva — significa “nós”.

Guata — “caminhada” para os Guarani Kaiowá.

Jenipapo — fruto do jenipapeiro, árvore nativa das Américas do Sul e Central. Utilizado em pintura corporal.





Karapãna — etnia que vive às margens do Rio Uaupés e seus afluentes – Tiquié, Papuri, Querari e outros menores. Família linguística Tukano.

Karisú — flauta.

Kaxiri na Kuia — uma dança composta pelas mulheres indígenas do Parque das Tribos, tendo como fundadoras Prof. Claudia, Alcineia Piratapuiia, Vicy Piratapuiia e Narinalva Baré, no ano de 2015, a dança é na canção do grupo de Roraima Caxiri na cuia, dos indígenas Makuxi.

Kinhãpira — peixe com caldo e pimenta, coloca-se maniware (espécie de formiga).

Kunhã-Puranga — moça bonita, sacerdotisa, guerreira e guardiã.

Kwekatureté — saudação em nheengatu linguagem Karapãna.

Lakaré — jacaré.

Maniware — espécie de formiga comestível.

Mbaraka — instrumento musical pode ser tocado tanto por homens quanto por mulheres.

Marakanandé — é um canto que significa união dos povos indígenas, é cantado na língua Tikuna e dançado pelas crianças indígenas do Espaço Cultural Indígena Uka Mbuesara Wakenai Anumarehit, este Espaço Fundado em 2015 pela Professora Claudia Baré.

Mujeca (caldo) — peixe com goma é tipo um caldo grosso e é uma alimentação de consumo familiar e comunitário.

Muxiwá — larva de coco, inajá, tukumã que são comestíveis. (como estas outras: beiju, quinhapira (caldo), peixe, mingau de tapioca, carne de caça, chibé (bebida) e maniware (uma das espécies de formiga utilizadas como alimento).

Ñandeva Kuera — significa “nossa gente”.

Nheengatu — língua geral ou tupi amazônico, falado majoritariamente pelos indígenas da etnia baré imposta pelos padres carmelitas, a informação sobre a língua é repassada pelas memórias vivas e os que já ancestralizaram.

Ongusu — casa de reza ou casa grande para os Guarani Kaiowá.

Pupeka — peixe assado na folha da banana.

Pãi-taviterãs — subgrupo contemporâneo dos povos guaranis

Piaçava — espécie de palmeira cujas fibras são usadas na fabricação de vassouras, artesanatos e coberturas de cabanas.

Poty — “flor”: adereços, algo que enfeita, que embeleza. Feitos de uma espécie de algodão do cerrado.



Povo Macuxi — indígenas de uma região de fronteira em Roraima.

Purahéi — canto, cantar.

Rios no estado do Amazonas — Camanaú; Curiuaú; Demeni; Tarumã-Açu; Tarumã-Mirim. O rio Alalaú fica ao sul do estado de Roraima.

São Gabriel da Cachoeira, AM — ocupa uma área de pouco mais de 109.181 km², sendo o terceiro maior município brasileiro em extensão territorial. A região do Noroeste Amazônico, que abrange a bacia do Alto Rio Negro, onde a linha fronteira entre o Brasil e a Colômbia faz um desenho que lembra uma cabeça de cachorro, é habitada tradicionalmente há pelo menos dois mil anos por etnias que falam idiomas pertencentes a três famílias lingüísticas: Aruak, Maku e Tukano.

Takuapu — instrumento musical feito de bambu tocado por mulheres.

Taquara — ou taboca, alguns dos diferentes nomes do bambu.

Tarumã — bairro de Manaus, AM.

Tarumã-açu (Igarapé) e Tarumã-mirim — são rios do estado do Amazonas. É um afluente esquerdo do Rio Negro, que desemboca a oeste da cidade de Manaus.

Techakára — (techa - ver, enxergar; ára - luz, tempo, dia, céu, espaço), mestre espiritual que revela, líder espiritual que tem o poder de enxergar os caminhos e o futuro da aldeia; aquele que enxerga o além do nosso mundo.

Teko — Vida, aldeia, modo/jeito de ser, maneira de estar/existir advinda do próprio lugar. (* Há muitas variações para este modo de ser; estão anotadas ao final).

Tekoha (ou tekoá) — é uma instituição divina criada por Ñande Ru. Não se restringe à aldeia ou território no sentido geográfico. Entende-se que dentro do tekoha estão as energias, os espíritos, os seres, os animais, as plantas, as divindades, as pessoas, e tudo mais.

Tereré — chá (erva-mate) em infusão.

Tesumes — trançado de palha, cipó, e fibra de arumã. Que dão forma ao paneiro, peneira, tipiti e brinquedos de palha entre outros.

Tukumã — em português escreve tucumã, fruto do tukumãzeiru, alimento e matéria-prima para artesanato. Foi declarado Patrimônio Cultural Imaterial do Estado pela Assembleia Legislativa do Amazonas (Aleam), sancionado pela Lei Ordinária no 7.505, de 19/05/2025.

Tupã — espírito representado pelo trovão.

Tupãna — Deus o Criador do universo e do homem.

Uka — (em nheengatu) casa.

Urucum — fruto do urucuzeiro ou urucueiro, arvoreta da família das bixáceas, nativa na América tropical. Utilizado em pintura corporal.

Wakenai (aruak) — origem.

Waturá — ou paneiro, uma espécie de cesto elaborado por povos e comunidades tradicionais. É feito a partir de fibras vegetais de diversas espécies presentes na Floresta Amazônica, como: warumã, cipú titika, wambé e outros.

X-Caboquinho — sanduíche típico da culinária do Amazonas. Consiste em um pão francês recheado com lascas de tucumã, banana pacovã madura frita, queijo coalho e manteiga. É uma das iguarias mais pedidas em feiras e lanchonetes do município de Manaus. Pela Lei no 5.003, de 11/11/2019, o “x-caboquinho” foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado.

Xibé — ou jacuba, farinha de mandioca com água e também serve de acompanhamento de refeição: tipo carne caça (paka, anta, veado, jacaré e outros).

Xixa — bebida tradicional feita de milho branco.

Xukuru-Kariri — etnia citada em grafias antigas como Sukuru, Xucuru, Shucuruou ainda Xacururu. Os Xukuru habitam um conjunto de montanhas, conhecido como Serra do Ororubá.

— (*) Variações do termo Teko pesquisadas em BENITES, 2021.:

Teko araguyje — jeito sagrado de ser, modo de ser maduro, perfeito, através do tempo-espaco, modo de ser das divindades.

Teko jára — guardião, aquele que cuida e fornece a fonte do nosso modo perfeito de ser, considerado como o nosso irmão/ã mais velho/a.

Teko jeheja — aquele que enxerga o modo de ser.

Teko joavy — modo de ser errático, desarmonia.

Teko joja — modo de estar em coesão, harmonia, no coletivo, afinado entre si ou na relação com outros seres/coisas.

Teko katu/marangatu — estado ou modo de ser sagrado, próximo ou semelhante ao modo de ser dos guardiões.

Teko ñembyasy — modo de ser que está no estado de sofrimento, de dor sentimental/física.

Teko ñemoyrõ — modo de ser / estado de autossofrimento/flagelo, para chamar atenção das pessoas que estão próximas.

Teko pochy — modo de ser no estado de fúria, irado, irritado, bravo, raivoso, enfurecimento constante, estado de discórdia contínua, devorador, hábito dos destruidores.

Teko porã — belo/bom modo de ser.

Teko vai — modo de ser referenciado pelos guardiões maléficos, feio, imoral, violento, destrutivo, oposto ao teko porã.

BENITES, Eliel. A busca do Teko Araguyje (jeito sagrado de ser) nas retomadas territoriais Guarani e Kaiowá; Dourados-MS 2021. Site Universidade Federal da Grande Dourados, acesso em 08/05/2025
<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/4591>

Diagramação

João Victor de Oliveira Murer, Larissa de Souza Bellini, Natan Rafael Neves da Silva,
Susana Oliveira Dias e Thayany Mendes Amazonense

Capa

Thayany Mendes Amazonense

Comitê Editorial

Alda Romaguera (Associação Ritmos – Brasil)
Alik Wunder (Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Brasil)
Fabíola Fonseca (Museu do Amanhã)
Antonio Carlos Rodrigues Amorim (Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Brasil)
Carolina Cantarino Rodrigues (Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas – Brasil)
Fabíola Fonseca (Museu do Amanhã)
Gabriel Cid de Garcia (Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro- Brasil)
Marcus Novaes (Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Brasil)
Maria dos Remédios Brito (Instituto de Artes da Universidade Federal do Pará – Brasil)
Sebastian Wiedemann (Universidad Nacional de Colombia)
Susana Oliveira Dias (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas – Brasil)
Wenceslao Machado de Oliveira Júnior (Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Brasil)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kaá Wásu [livro eletrônico] / textos Claudia Baré,
Kellen Natalice Vilharva, Maria Alice Paulino
Karapãna ; organização João Victor de Oliveira
Murer...[et al.]. -- Campinas, SP :
Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Outros organizadores: Larissa de Souza Bellini,
Leo R. Arantes Lazzerini, Natan Rafael Neves da
Silva, Susana Oliveira Dias, Thayany Mendes
Amazonense.
Vários ilustradores.
ISBN 978-65-01-75178-8

1. Florestas 2. Plantas (Botânica) 3. Povos
indígenas - Brasil 4. Meio ambiente - Conservação e
Proteção I. Baré, Claudia. II. Vilharva, Kellen
Natalice. III. Karapãna, Maria Alice Paulino.
IV. Murer, João Victor de Oliveira. V. Bellini,
Larissa de Souza. VI. Lazzerini, Leo R. Arantes.
VII. Silva, Natan Rafael Neves da. VIII. Dias, Susana
Oliveira. IX. Amazonense, Thayany Mendes.

25-309774.0

CDD-581.63098115

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Povos indígenas : Etnobotânica : Guia de
plantas : Botânica 581.63098115

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual CC BY-NC-SA

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

